

am

AVE MARIA — REVISTA MENSAL — ANO LXXXVII — Nº 11
NOVEMBRO 1985 — C\$ 2.400

• AGRADEÇA

• O PURGATÓRIO DOGMA DO PASSADO

• você e a CONSTITUINTE

• MIGRANTES DEBATEM REALIDADE DO PAÍS

• CONSTITUINTE: ASSUNTO PARA O POVO DE DEUS

Direitos humanos



23

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, juntamente com alguns textos bíblicos e pronunciamentos oficiais de Igrejas cristãs, aqui apresentados, servem de subsídio para os que desejam conhecer melhor, estudar e discutir os Direitos Humanos.

ARTIGO XXIII. Todo homem tem direito ao trabalho, à livre escolha do emprego, a condições justas e à proteção contra o desemprego. Todo homem, sem qualquer distinção, tem direito a igual remuneração por igual trabalho. Todo homem que trabalha tem direito a uma remuneração justa e satisfatória, que lhe assegure, assim como à sua família, uma existência compatível com a dignidade humana e a que se acrescentarão, se necessário, outros meios de proteção social. To-

do homem tem direito a organizar sindicatos e a neles ingressar para a proteção de seus interesses.

É dom de Deus que possa o homem comer, beber e desfrutar o bem de todo o seu trabalho (Ec 3,13).

Porque digno é o trabalhador do seu salário (Lc 10,7).

A existência, em vastas regiões, do fenômeno da marginalização é prova da não realização do bem comum; entre outras causas, a marginalização tende a crescer na medida em que as grandes decisões são tomadas em função dos interesses de classes ou grupos e não em função dos interesses de todo o povo. A marginalização manifesta-se através de situações que favorecem aos beneficiários privilegiados do despojamento, da paciência e da miséria dos outros. Ser marginalizado é ser

mantido fora, à margem; é receber um salário injusto, é ser privado de instrução, de atendimento médico, de crédito; é passar fome, é habitar em barracos sórdidos, é ser privado da terra por estruturas agrárias inadequadas e injustas. Ser marginalizado é, sobretudo, não poder libertar-se destas situações. Ser marginalizado é não poder participar livremente do processo de criatividade que forja a cultura original de um povo. Ser marginalizado é não dispor de representatividade eficaz, para fazer chegar aos centros decisórios as próprias necessidades e aspirações; é ser contemplado, não como sujeito de direitos, mas como objeto de favores outorgados na medida necessária à redução das reivindicações; é ser manipulado pela propaganda. Ser marginalizado é não ter possibilidade de participar. É ser privado do reconhecimento da dignidade que Deus conferiu ao homem. A correção destes males, que não são novos, é tarefa não só dos poderes públicos, como de todas as instituições que possam contribuir para a educação do povo (CNBB, *Exigências Cristãs de uma Ordem Política*, 1977).

No individualismo e no coletivismo, tanto quanto em programas de crescimento econômico e progresso social, encontramos os riscos de humanismos parciais. Urge que se promova o humanismo pleno. A plena dimensão humana só se encontra nas novas relações criadas por Deus em Jesus Cristo (*Credo Social da Igreja Metodista*, 1971).

Dt 24,6; 34,14-15; Sl 128,2; Pv 12,14; Jr 22,13; Mt 10,10; 1Co 3,8; Cl 4,1; 1Tm 5,18; Tg 5,4.

PARA REFLETIR E DISCUTIR NOS GRUPOS:

1. Analisem todas as características da marginalização aqui apresentadas de maneira concreta, no dia-a-dia de vocês.
2. Estudem os meios para sair dessa marginalização de maneira correta e eficiente.

SUMÁRIO

- 4 • **A IGREJA NO MUNDO**
Fatos e acontecimentos na vida da Igreja.
- 6 • **CONSULTÓRIO POPULAR**
Questões de fé e de religião.
- 7 • **AGRADEÇA**
Lembre-se de ser reconhecido, de render graças.
- 8 • **SABER AGRADECER**
Dar amor e dar a vida é ser grato ao amor e à vida recebidos.
- 9 • **O TEMPO, A SOLIDÃO E A MORTE**
É da crise que surge o homem.
- 10 • **FINADOS OU PIQUENIQUE?**
Pouquíssimo espírito de oração no dia de finados.
- 11 • **O PURGATÓRIO, DOGMA DO PASSADO?**
O significado da Eucaristia e dos sufrágios pelos mortos.
- 13 • **O CRISTÃO E A MISSA DE 7º DIA**
Preparar para a missa de 7º dia.
- 14 • **A IRMÃ MORTE**
O pensamento da morte deve ser familiar ao cristão.
- 15 • **VOCÊ E A CONSTITUINTE**
O povo deve lutar por princípios justos e fraternos.
- 17 • **POLÍTICA OU MORAL?**
Os fins não justificam os meios.
- 18 • **CRISTÃO E POLÍTICOS ATÉ QUE PONTO?**
Se o centro não for Cristo, haverá fechamentos.
- 19 • **MIGRANTES: debatem realidade do País. CONSTITUINTE: assunto para o Povo de Deus.**
- 22 • **CINCO LEITURAS SOBRE LIBERTAÇÃO À LUZ DA "CATEQUESE RENOVADA" DA CNBB**
- 24 • **SÃO CARLOS BORROMEU: O SANTO DO MÊS**
Dia 4 de novembro.
- 25 • **CASAMENTOS E IGREJA**
casamento-sacramento é ato sagrado.
- 26 • **VOCAÇÃO PROFÉTICA**
Samuel.
- 27 • **MEU LAR, MINHA ALEGRIA**
Cartas de amor: jovem e de meia-idade.
- 29 • **A INTERVENÇÃO**
Uma técnica para levar o alcoólatra a tratamento.
- 30 • **POR QUE ME ABANDONASTE?**
É preciso perdoar e amar.
- 31 • **A PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EUCARÍSTICA**

FOTO DA CAPA:
Cláudio Greglianin

EDITORIAL

Os mortos e os santos

Inicia novembro com duas celebrações litúrgicas que bem refletem o nosso destino: a morte e a vida. Os mortos e os santos. Todo ser humano necessariamente passa pela morte. Todos morremos. Morrer é a alma separar-se do corpo e deixá-lo só. Imprestável. Destrutível. A alma continua. Viva. Imortal. Em nova dimensão de existência. Volta o corpo à sua origem: a terra. Volta a alma à sua fonte: Deus.

Comemorar os mortos é sentimento. Comemorar os santos é fé. Comemorando os nossos mortos, lembramos sua ausência, afirmamos sua presença em nosso afeto. Comemorando os santos, acreditamos na ressurreição dos mortos, na vida da alma, no Céu. Não é lá, onde todos nós desejamos estejam os nossos mortos?

Estas duas celebrações universais, portanto, têm um denominador comum: A Casa de Deus, nosso Pai. Nossa mansão definitiva. Morremos para chegar ao Céu. Estar no Céu é ser santo. E ser santo não é, necessariamente, ser canonizado pela Igreja. Ser santo é viver e morrer em unidade com Deus, na sua Luz, na sua Graça, no seu Amor. Ser santo é vocação de quem tem Fé e a explicitou pelo batismo. Por isso diz o Apóstolo Pedro: "Sejam santos em tudo o que fizerem, assim como Deus, que os chamou, é santo" (1Pd 1,15).

E estas comemorações vêm nos lembrar que, se levamos aqui uma vida de santidade, após a necessária passagem pela morte, o Céu se abrirá para nós no deslumbramento da visão de Deus. E n'Ele toda a felicidade sem fim, na companhia dos nossos irmãos, os santos. Orar pelos mortos é desejar-lhes o convívio dos santos.

Ainda neste mês, é celebrada no dia 21 a festa da Apresentação de Nossa Senhora. Tem sua origem no Oriente, no século VI, venerando Maria como a Mãe de Deus, título extremamente caro aos orientais, que a têm como a "consagrada a Deus desde criança" e sendo escolhida, por sua vida pura e santa, para a Mãe do Filho de Deus. Esta "tradição" só foi adotada pela Igreja Romana a partir do século XVI. O novo calendário faz "memória" desta celebração, vendo em Maria a mulher exemplar na sua vida de consagração ao Senhor, modelo de santidade e serviço para toda a Igreja.

Outros temas, de atualidade e de grande importância para o conhecimento dos nossos leitores, são trazidos neste número de "Ave Maria", pelos nossos correspondentes e articulistas bem conhecidos e com os quais vão se encontrar no virar destas páginas.

Pe. Elias

am
avemaria

AVE MARIA é uma publicação mensal da Editora Ave Maria Ltda. Propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos. Fundada a 28 de maio de 1898. Registrada no S.N.P.I., sob nº 221.689, no S.E.P.J.R., sob nº 50, no R.T.D., sob nº 67, e na DCDP do DFP, nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005-1934. Publicada na cidade de São Paulo, Brasil. Redação, Publicidade, Administração e Correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 3º e 4º andares. (Tel. (011) 66-2128 e 66-2129) Cx. P. 54.215 (CEP 01.227) - São Paulo, SP. Composição, Fotolito e Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria Ltda, Rua Martim Francisco, 656 - (Vila Buarque - CEP 01.226) - São Paulo. A assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em São Paulo), vale postal ou valor declarado em nome da Administração da Revista Ave Maria. - A maioria das cidades são visitadas por nossos representantes que renovam as anuidades a domicílio; nas demais, as renovações de assinatura são feitas por banco e pelo correio. Preços: Número avulso Cr\$ 2.400 - Ass. Anual Cr\$ 24.000 - Ass. de Benfeitor Cr\$ 40.000.

Diretor de Redação: Cláudio Greglianin.

Colaboram neste número: José Wanderley Dias, Geraldo Barboza de Carvalho, Mauro Martins Amatzuzi, André Carbonera, José Cristo Rey Garcia Paredes, José Antônio Hintze, José Geraldo Vidigal de Carvalho, Pasquale Filippelli, Isidoro De Nadai, V. J. Berkenbrock, Ana Aparecida Frabetti Valim, José Fernandes de Oliveira, José Penalva, Roberto, Antônio Joaquim Lagoa, Elias Leite, Maria do Carmo Fontehelle, Donald Lazo, Frederico Datler.

Arte e Produção: Pedro Ribeiro.

Revisão: Attilio Cancian.

Diretor Administrativo: Sérgio Ibanor Piva.

Circulação e Assinaturas: José Rodrigues de Almeida.

Representantes e Promotores: Geraldo Moreira, Joaquim Dias de Castro, José Montresor.

Publicidade: Cláudio Greglianin.

Editor Responsável: Cláudio Greglianin.

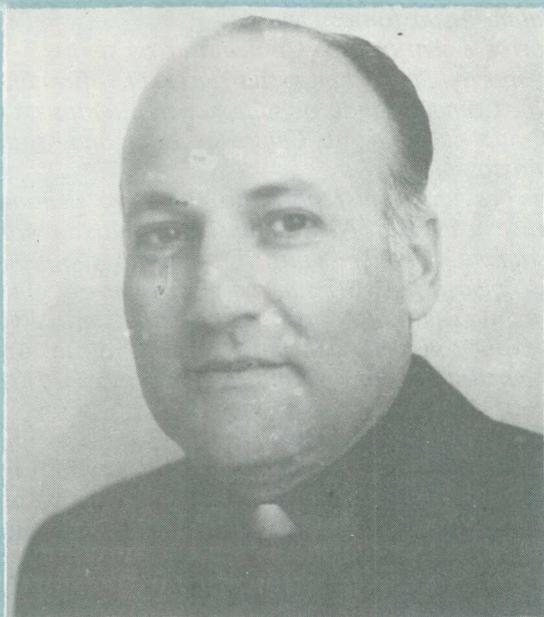
Vantagens e benefícios da Reforma Agrária

Santa Maria (CIC) — Por ocasião da inauguração do Santuário Estadual de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, em Santa Maria, RS, estiveram presentes 20 bispos, que firmaram uma moção de apoio à reforma agrária. No documento os bispos lamentam o clima de polêmica que se formou em torno da questão.

Esclarecem os bispos: “A Reforma Agrária não contradiz, como maldosamente alguns afirmam, o princípio e o valor da propriedade particular. As próprias encíclicas papais consagram e defendem este princípio, afirmando, contudo, sua função social. O latifúndio o restringe, privilegiando apenas alguns cidadãos; A Reforma Agrária será o melhor meio de evitar o comunismo em nossa Pátria; Conhecem-se países desenvolvidos em número suficiente que fizeram a Reforma

Agrária como solução para seus problemas rurais; A Reforma Agrária proporcionará emprego a milhões de cidadãos brasileiros, por tradição agricultores, que hoje estão sem terra; A Reforma Agrária aumentará a produção de alimentos, como o atestam cabalmente países hoje altamente desenvolvidos. O mesmo se diga com relação aos minifúndios do sul do país, criados pelos imigrantes; A Reforma Agrária reverterá em benefí-

cio de toda a população brasileira e não somente da classe agrícola; A Reforma Agrária consolidará o regime democrático, mediante um processo de descentralização da propriedade, da renda e do poder. Os bispos terminam o seu documento apelando às autoridades competentes “para que não retardem, não retrocedam, não desanimem nos esforços em favor da Reforma Agrária, apesar das pressões contrárias”.



REELEITO O SUPERIOR GERAL DOS MISSIONÁRIOS CLARETIANOS

Roma

Na manhã de sábado, 7 de setembro, foi reeleito Superior Geral dos Missionários Claretianos o Pe. GUSTAVO ALONSO, que já desempenhou este mesmo cargo durante seis anos.

O Pe. Alonso, 54 anos, nasceu na Argentina e fez os seus estudos sacerdotais nos seminários claretianos de Chascomús e Córdoba. Depois de ordenado sacerdote, em 1955, foi enviado a Roma para fazer estudos de especialização, conseguindo o doutorado em teologia espiritual no Pontifício Ateneu “Angelicum” em 1957. Ao regressar à Argentina foi durante vários anos formador e professor de teologia espiritual nos centros claretianos daquele país. De 1967 a 1973 desempenhou o cargo de Secretário-Geral da Congregação. No

ano seguinte foi eleito Superior Provincial de Argentina-Uruguai. Nesta época foi membro do comitê diretivo da Conferência Argentina de Religiosos e Presidente da Conferência Interprovincial Claretiana da América Latina. No Capítulo de 1979 foi eleito Superior Geral da Congregação.

O Capítulo Geral dos Claretianos, que se desenvolve em Roma, além da eleição de seus novos quadros de direção para o próximo sexênio, tem como objetivos principais a revisão da vida e da espiritualidade do Instituto, baseada na Palavra de Deus e na Eucaristia, em vistas à sua missão, serviço de evangelização universal. Em sintonia com o futuro sínodo dos bispos, que estudará a incidência renovadora do Concílio Vaticano II, o Capítulo Geral dos Claretianos está examinando o influxo dos documentos de renovação conciliar e pós-conciliar no Instituto e fará um documento programático ao findar seus trabalhos.

Os claretianos, que atualmente são quase 3.000, trabalham apostolicamente em 45 países dos cinco continentes. A expressão da Congregação nos últimos anos tem sido particularmente intensa na Ásia, África e América Latina, abrindo ainda novos campos de evangelização na Coreia e na Austrália. Entre as suas prioridades apostólicas, assinaladas no Capítulo anterior, sempre na linha da evangelização, encontram-se os mais pobres e necessitados, os jovens e a família, o mundo não evangelizado e os grupos descristianizados, assim como a promoção e a formação de novos evangelizadores e a atenção aos emigrantes. Seguindo o espírito e o afã missionário de Santo Antônio Maria Claret, seu Fundador, a Congregação Claretiana, empenhada na difusão do Evangelho em numerosos campos, quer ser na Igreja de hoje uma realidade viva e dinâmica, impelida pela caridade de Cristo para infundir a luz da sua verdade no coração do mundo moderno. •

Os pobres aumentam no mundo

Harvard (CIC) — Segundo a pesquisa da Universidade de Harvard, cerca de 20 milhões de norte-americanos passam fome durante alguns dias do mês; e os pobres daquele país são, hoje, 15,2% da população total.

CNBB: Cartilha sobre Constituinte

Brasília (CIC) — Está sendo preparada pela CNBB uma Cartilha Popular sobre a Constituinte. Conforme dom Ivo Lorscheiter, presidente da CNBB, é necessário, num primeiro passo, uma ampla conscientização popular do que vem a ser a Assembléia Nacional Constituinte e somente num segundo passo se referir e desencadear um processo de discussão sobre os temas que deverão constar da nova Constituição. Em pouco tempo a CNBB deve mandar às comunidades regionais o roteiro base para serem feitas as cartilhas. Este roteiro será fundamentado a partir do documento "Igreja, Constituinte e Constituição — Subsídios para reflexão e Ação Pastoral", elaborado por uma Comissão da CNBB coordenada pelo bispo de Bauru (SP) dom Cândido Padim. O documento ressalta que a presença da Igreja na vida nacional foi fortalecida nos serviços aos direitos humanos e uma nova ordem política, social e econômica. Considera que o momento nacional é de profunda transição e observa que a grande aspiração nacional é a plenitude da democracia. Salienta que os cristãos e a Igreja no seu conjunto, fazem muitas perguntas sobre sua participação nesse momento decisivo da Nação. E a algumas dessas perguntas é que as cartilhas buscarão responder, numa linguagem acessível, levando em conta que a posição da CNBB, anunciada em várias oportunidades, é de que a Constituinte deve ser soberana e representativa.

Contra o esquecimento dos desaparecidos

Montevidéo (CIC) — Terá lugar em Montevidéo, Uruguai, no mês de novembro, o VI Congresso Latino-Americano de Familiares de Presos Desaparecidos (FEDEFAM) com o tema "Contra o Esquecimento, justiça e castigo aos responsáveis". Com vários anos de existência, a FEDEFAM considera ser importante avaliar a experiência destes anos de luta organizada dos familiares dos desaparecidos, nos diferentes países da América Latina. Este Congresso quer fortalecer o movimento. A FEDEFAM reconhece que, se o tempo pode enriquecer o Movimento com experiências e maiores conhecimentos, pode também levá-lo a esquecer e diminuir a importância dos problemas. O Movimento percebe que a dura realidade da América Latina e o vácuo da Igreja institucional que retorna para posições mais conservadoras, além da crise econômica e da guerra na América Central, fazem sombra à questão dos desaparecidos. É sempre com dificuldade que se consegue levar adiante algum movimento que exija a aparição destas pessoas e o julgamento e uma justa condenação dos culpados. O VI Congresso se realizará no Uruguai como uma homenagem à luta dos povos contra os mais de 12 anos de ditadura militar.

Oposição no Chile pede democracia

Madri (CIC) — Comemorando 12 anos do golpe que matou o presidente chileno Salvador Allende e colocou o poder nas mãos de Pinochet, a oposição pede união de todas as forças opositoristas para derrubar a ditadura de Pinochet. Em entrevista, Mário Navarro, presidente da comissão exterior da Central Única de Trabalhadores (CUT), declarou em Madri que a violên-

cia popular é uma forma de legítima defesa contra os abusos de Pinochet. "A verdadeira violência que nós conhecemos no Chile é a fascista e outra, mais profunda, refletida no desemprego, na miséria e na ausência de previdência social, moradia e educação", afirmou Navarro, atribuindo a permanência de Pinochet no poder ao apoio dos Estados Unidos e das Forças Armadas e à desunião da Oposição política e social. A viúva de Allende, há 12 anos exilada em Buenos Aires, declarou que o acordo entre 11 partidos de oposição pode ser um passo importante para o retorno da democracia ao país.

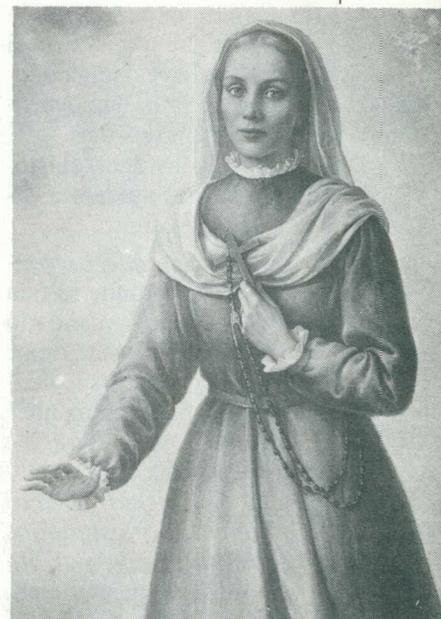
Padre preso no Mato Grosso

Cuiabá (CIC) — Padre Balduino foi submetido a um longo interrogatório na Coordenadoria de Investigações e Operações, na capital mato-grossense. Preso a 31 de julho, quando um grupo de 50 soldados da Polícia Militar, acompanhados pelo antropólogo da Funai Célio Horst, penetrou nas áreas indígenas de Japuíra e Escondido para de lá tirar à força os índios. A operação comandada pelo tenente Altair Magalhães foi patrocinada pelos proprietários das fazendas instaladas entre os rios Juruema e Sangue. Padre Balduino Loebens, que trabalha há 15 anos com os índios, foi algemado e levado para Cuiabá. Padre Balduino denunciou à imprensa as violências cometidas contra os índios, com as seguintes palavras: "Foi a operação-vergonha da Funai da Nova República".

Serviço militar e realidade

Porto Alegre (CIC) — O Serviço Justiça e Paz e Não Violência iniciou um trabalho junto a Igrejas e políticos no sentido de abrir espaço na no-

va Constituição para jovens que queriam fazer um serviço militar alternativo, de cunho social, "visto que qualquer ensinamento ou instrução que visa a violência constitui-se numa lesão à consciência de paz do requerente". O pastor Ricardo Wangen explica que a atual Constituição "confere liberdade de religião, mas não respeita a consciência que a religião forma e informa". O serviço militar alternativo, já em vigor em outros países, poderia ser prestado no campo social ou de saúde, como em hospitais e postos de saúde do interior.



Beatificação

No dia 22/9/85 foi beatificada, pelo papa João Paulo II, Virgínia Centurione Bracelli (1587-1651), genovesa, fundadora das seguintes Congregações: Irmãs de Nossa Senhora do Refúgio no Monte Calvário (ramo genovês, atuante na Itália, Ásia e África) e Filhas de Nossa Senhora do Monte Calvário (ramo romano, atuante na Itália, Israel, Oriente médio, Argentina e no Brasil). A finalidade das Congregações é o atendimento de doentes, pobres, juventude abandonada.

- Aqui respondemos às perguntas sobre a vida cristã, a história, as leis e os costumes da Igreja, a moral e a teologia, a Sagrada Escritura e a liturgia.
- Assuntos mais delicados e pessoais são respondidos por carta. Neste caso, é favor enviar selos para a resposta.

Correspondência para: Equipe Consultório Popular — Cx. Postal 153 — CEP 80.000 Curitiba - SP

1.986

MISSA DE 7º DIA

Qual o significado da missa de sétimo dia? (A. L. da S. — Araraquara - SP).

A missa pelos defuntos é uma tradição que remonta aos primeiros séculos da Igreja. A santa missa em si pode ser oferecida qualquer dia. O seu valor não depende da ordem dos dias.

Eis alguns dados históricos que nos ajudam a entender este assunto:

1) *Na Sagrada Escritura*: 2Mc 12,46 onde se fala de "Sacrifício" mandado celebrar em Jerusalém por intenção de certos soldados mortos "piamente" para que fossem livres de seus pecados.

2) *No século IV nos documentos designados "Constituições Apostólicas"* onde se mencionam, como dias consagrados à recordação litúrgica de um morto, o 3º, o 9º, o 40º dia e o aniversário.

3) *O Concílio de Trento* definiu a existência do purgatório e juntamente o valor das missas celebradas por intenção das pessoas detidas nessa purificação (Denzinger, n.º 983).

4) *O Concílio Vaticano II* no documento *Lumen Gentium* n.º 7, 49 confirma esta doutrina e diz: "Reconhecendo esta comunhão de todo o Corpo Místico de Jesus Cristo, a Igreja terrestre, desde os primórdios da religião cristã, venerou com grande piedade a memória dos defuntos e,

porque é um pensamento santo e salutar rezar pelos defuntos para que sejam perdoados de seus pecados, também ofereceu sufrágios em favor deles".

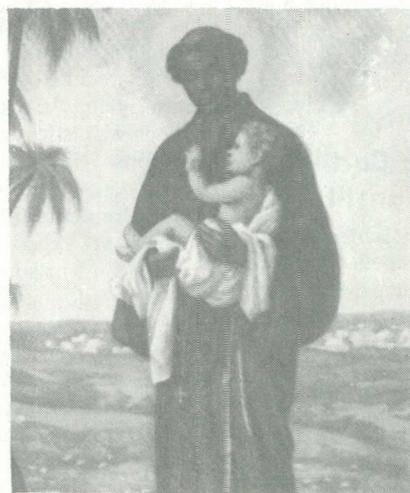
E no n.º 51 diz: "O sacrossanto sínodo recebe com grande respeito aquela venerável fé de nossos antepassados sobre o consórcio vital com os nossos irmãos que estão na glória celeste".

Calvino, no século XVI, diz: "Já há mil e trezentos anos estava em uso fazer-se oração pelos defuntos".

O ritual substituiu o dia nono pelo sétimo dia e sobre a razão dessa mudança diz Santo Agostinho: "Não sei se posso encontrar nas Sagradas Escrituras que se tenham celebrado exéquias por nove dias".

Como podemos notar, estamos diante de um costume que remonta aos primeiros séculos do cristianismo e veio se tornando uma tradição da qual o povo dificilmente se afasta. Mas o Missal Romano, após a última reforma do Concílio Vaticano II realizado pelo papa Paulo VI em 3/4/1969, não menciona mais a missa de sétimo dia como antes e simplesmente a "Missa exequial" que se pode celebrar no mesmo dia do falecimento, ou no dia seguinte ou ainda como de sétimo dia.

A preferência pelo sétimo dia talvez hoje dependa de que nessa ocasião o fato da morte ainda está muito vivo e há tempo suficiente para virem os que estão longe e que não puderam comparecer ao enterro.



1.987

SÃO BENEDITO

Qual é o dia consagrado a "São Benedito", assim como o dia 12 de outubro é consagrado a Nossa Senhora Aparecida? (A. L. da S. — Araraquara - SP).

São Benedito é chamado também o Preto ou Mouro. Seus pais eram de origem escrava, descendentes de negros etíopes do norte da África, daí ser chamado Preto ou Mouro.

A maior veneração deste santo deu-se nos Estados do centro do País, onde há muitos elementos de cor. Nasceu na localidade de Filadelfo, perto de Messina, na ilha de Sicília (Itália) por volta do ano 1526.

Viveu sua infância como empregado no pastoreio nas montanhas da Sicília, levou uma vida simples e pobre. Desejoso de viver uma maior perfeição da vida cristã, incorporou-se aos eremitas organizados por S. Jerônimo de Lanza.

Benedito não é sacerdote, mas simples leigo. Alguns tópicos que caracterizam a sua vida e o seu trabalho:

a) Prestou serviços aos mais humildes como faxineiro, cozinheiro da comunidade à qual se filiou no final de sua vida no Convento de Santa Maria de Jesus, em Palermo.

b) Tinha uma profunda humildade, disponibilizada a todo serviço.

c) Demonstrou uma profunda piedade e espírito de penitência.

d) Grande senso prático e um carisma de liderança.

Faleceu aos 4 de abril de 1589. Foi elevado à honra dos altares pelo papa Pio VII aos 24 de maio de 1807. Foi devido à sua grande fama de santidade pelos milagres que a sua devoção se espalhou pela África e Américas. A sua festa é celebrada no dia 4 de abril, comemorativa de sua morte. Mas no Brasil a sua festa é celebrada no dia 5 de outubro, por decisão da CNBB em 1983.

Agradeça

José Wanderley Dias

Agradeça tudo e todos e isso fará com que você possa obter todo o bem quando ele acontecer.



Busque o equilíbrio existencial. Para tanto, não se considere superior, acima do que o cerca, como se você fosse (e não é) ileso, isento, indene da influência exterior.

Não se deixe dominar, porém, pelo deletério complexo de inferioridade. O que se passa não é indiferente na sua vida de relação. Mas você tem, por origem, condições de não se deixar dominar, de não se deixar levar sem reação como se fosse (e não é!) folha ao vento.

Por isto, lembre-se de ser reconhecido, de agradecer, de render graças.

Agradeça quando vir que um dia nasceu cheio de sol.

A claridade, o calor fazem parte do lado belo, colorido da vida.

Agradeça, portanto, a luz que chega; seja grato porque as trevas terminam a cada nascer do sol.

Agradeça, igualmente, porque a claridade se vai, porque se some no crepúsculo, com tanta suavidade quanto chegara no arrebol, na alvorada.

Agradeça a escuridão. É dentro dela que você irá descansar, é dentro dela que você irá criar um mundo novo, um mundo em que a fantasia poderá dar-lhe compensação, ânimo renovado, o mundo do sono e do sonho.

Não tema, igualmente, o pesadelo. Ele talvez lhe aconteça para você se sentir aliviado ao acordar, ao ver que tudo não passava de imagem abstrata, incapaz de feri-lo, impotente para atingi-lo.

Agradeça as palavras que lhe são ditas.

Sejam elas quais forem.

Se a seu favor, porque o encorajam, lembrando-se, porém, de não deixar que elas o envaideçam.

A vaidade é um clarão muito forte que impede nossos olhos racionais de enxergarem bem.

Daí o seu dever de agradecer por lhe haverem dito o que você não desejava.

A rudeza das palavras talvez sirva, deve servir para que você faça sua necessária autocrítica.

O elogio infundado, incabido, é uma forma disfarçada, corrupta e corruptora de mentira, e de mentira interessada.

A crítica, se for injusta, dar-lhe-á o conforto de saber intimamente que você está acima da perversidade de sua rapsódia.

Se for justa, irá aprimorá-lo porque, consciente de suas falhas postas a nu, reveladas por quem apenas aparentemente o injuria, mas de fato o retrata, você procurará fazer-se melhor do que é.

Agradeça a água que lhe mata a sede. Você verá que não existe bebida mais doce e completa do que o "refrigerante de Deus", a água que desce pela cascata, que murmura no regato, que lhe chega pela torneira.

Seja grato igualmente à chuva: sem ela, você não daria o verdadeiro valor à água que tanta gratidão lhe inspira, que com tanto sabor você bebe!

Agradeça a sua juventude. É a

quadra mais linda da vida: não há palavras que a definam completamente em poesia e em encanto.

Agradeça com a mesma compreensão a idade madura, a velhice que chega.

Se sua idade não passasse, como é que outros poderiam ser jovens?

Se você nunca deixasse de ser jovem, como é que seus filhos cresceriam? Como é que seus netos viriam remoçá-lo, consolá-lo, amá-lo?

Sua juventude nunca se irá embora se você pensar mais alto com o espírito aberto: você a distribui para os que vêm de seu amor ou o conquistam pela sua ternura, pela sua coexistência.

Agradeça os momentos que ficam, como agradeça os que passam, os que se vão embora.

Se os acontecimentos fossem sempre os mesmos, a monotonia e o tédio lhes tirariam a beleza, quando fossem belos, e acentuariam suas falhas quando não o fossem.

Agradeça porque o compreendem.

Agradeça quando não o compreenderem. Você procurará melhores argumentos para convencer, você irá além e acima das palavras para provar.

Isto o fará crescer, isto o fará subir em razão e em capacidade de vencer.

Agradeça os que o animam e incentivam. Como agradeça os que o criticam: eles lhe mostrarão que não é infalível, e isto lhe fará bem.

Agradeça a coragem que faz com que você não pare ante as coisas difíceis e os grandes obstáculos.

Agradeça, porém, o medo que o faz prudente, o receio que o faz meditar antes de ousar o impossível.

Agradeça as quatro estações, o calor do verão, as flores da primavera, o frio do inverno, as saudades do outono.

Cada tempo e quadra têm sua razão de ser.

Agradeça, agradeça sempre. A quem você deve ser agradecido, aqui na terra como no céu.

Agradeça. Você verá, curiosamente, quantos agradecerão a você por agradecer.

Agradeça: isso fará com que você afaça todo o bem quando ele acontecer, e não seja soterrado pelo mal quando ele suceder.

Agradeça...

SABER AGRADECER

Geraldo Barboza de Carvalho

Muito mais do que simplesmente palavras, o agradecimento se exprime através de amor e generosidade.

Ser exageradamente otimista pode ser ingenuidade e falta de realismo. Mas ser pessimista em excesso pode ser sinal de ingratidão e não menos irrealismo. Nem é porque dizemos e achamos que as coisas são, que elas devem ser. Nem é porque digo e acho que não, que elas deixam de ser. "Ser ou não ser, eis a questão", diz Shakespeare. Ter os olhos abertos para a realidade e a vida, vislumbrando suas possibilidades e procurando transformá-las em mundo humano, mediante o esforço da generosidade, é ser otimista aceitável. Mas ter os olhos fechados para a realidade e para a vida e, por isso mesmo, ver tudo negro e comportar-se de maneira mesquinha em relação às mesmas, como se o mundo humano não fosse realização do próprio homem, é ser pessimista e inaceitavelmente irrealista.

Ninguém é tão rico que nada tenha a receber. Ninguém é tão pobre que nada tenha a dar. A vida não é negra que nenhum motivo nos apresente para sorrir. Deus abre uma janela quando se fecha uma porta para nós e dá o frio conforme o cobertor.

Por mais que neguemos, a vida só é possível porque temos sempre motivos para esperar e, em função desta esperança, continuar vivendo. Tudo está perdido, quando não mais esperanças houver. Mas é difícil acreditar que nada tenhamos a esperar e que a vida não nos dê motivos de lhe sermos gratos, ao menos um pouquinho.

Sim, sempre teremos algo a agradecer à vida, aos outros, a Deus. Agradecer a própria vida que temos, que, na pior das hipóteses, ainda é melhor que a morte. Agradecer a saúde, agradecer os amigos que temos, agradecer as oportunidades que a vida nos deu, agradecer o que temos e o que somos. Agradecer a comida e a bebida que nos sustenta. Agradecer até mesmo os males físicos que nos fazem crescer em bens espirituais. Agradecer o braço ou a perna que ainda me resta, quando



poderia ter perdido ambos, ao invés de lamentar eternamente o braço ou a perna que não tenho mais. Agradecer o coração que nos resta para amar e a cabeça para pensar, apesar da perda dos braços e pernas. Agradecer pelo sol que nos ilumina e nos faz ver o mundo no qual vivemos. Agradecer pela chuva que faz brotar a vida da terra, que dessedenta e refresca

É preciso saber agradecer o que temos e o que somos, em vez de lamentarmos eternamente o que não temos e ambicionamos sofregamente, esquecidos de agradecer tudo que temos e que recebemos de graça.

De graça. As coisas mais importantes da vida as recebemos de graça e não as compramos. Que dinheiro nos pode dar a vida, a saúde, a paz, o amor, a bondade, a inteligência, as plantas, as flores, os rios...?

Se olharmos um pouquinho as coisas que recebemos gratuitamente, veremos que não somos seres assim tão abandonados, mas privilegiados. Veremos que a vida não é assim tão ingrata quanto pensamos e imagina-

mos. Veremos que a cegueira de nossa ganância e de nossa ingratidão nos impede de ver tanta coisa das quais não somos os autores, por nos termos sido dados graciosamente. Então não nos revoltaremos por não termos conseguido tudo que pretendíamos gananciosamente. Pois a ganância é a real causa do pessimismo humano e de grande parte de seus sofrimentos. Só na generosidade encontraremos motivos de ser otimistas e ter alegria de viver.

A generosidade é o segredo do bem viver. Ela é o contrário da ganância que nos faz apegados demasiadamente às coisas que passam. Ser generoso é ter espírito de gratidão, é reconhecer que tudo não depende de nós. Nós é que dependemos fundamentalmente de tudo para continuarmos vivendo. Por isso, ser generoso não é apenas saber dar, mas sobretudo saber receber com gratidão os dons da vida.

Os que pensam que tudo depende deles, que não precisam dos outros nem de nada para serem o que são, que nada receberam mas tudo lhes é devido, esses não saberão ser generosos. Pois, quem não sabe receber, também não sabe dar. Quem não tem consciência de sua dependência fundamental dos outros e da natureza, quem esquece que até o ar que respira é dom gratuito da vida, não pode saber dar. Dá quem sabe que recebeu. É mesquinho quem acredita tudo ter conseguido por si mesmo, quem acredita que o dinheiro pode tudo comprar. E só nos apegamos, curiosamente, às coisas que nos custaram. Quem ousaria ser o dono do ar, da vida, das plantas?

Mas damos amor, porque o recebemos de graça, damos a vida, porque em nós ela abunda gratuitamente. Dar amor e dar a vida é ser grato ao amor e à vida recebidos. Muito mais do que simplesmente palavras, o agradecimento se exprime através de gestos concretos de amor e generosidade. •

O TEMPO, A SOLIDÃO E A MORTE

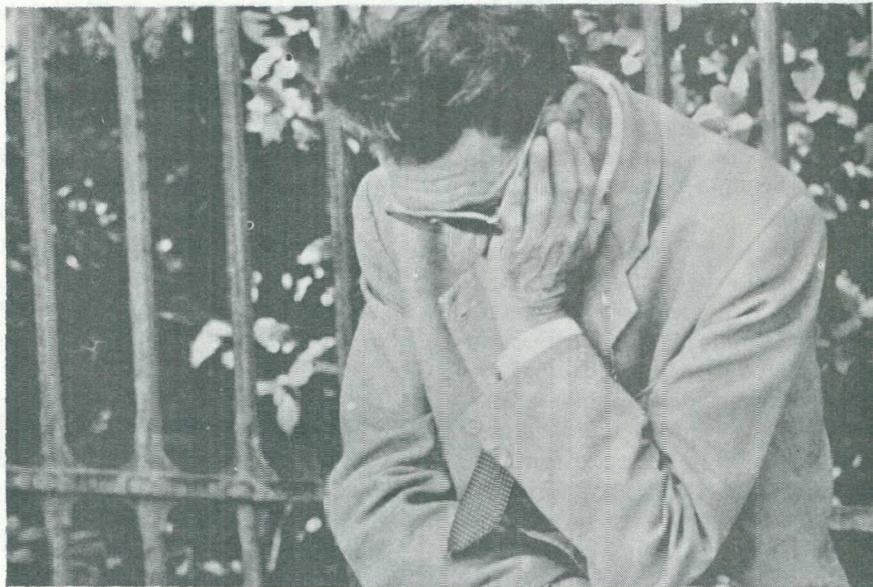
Mauro Martins AmatuZZi

A crise é o encontro com o tempo, com a solidão, com a morte. Encontros puros ou camuflados, para os quais estávamos preparados ou não. Mas é da crise que surge o homem.

Em todas as pessoas existem aspirações profundas para realizar alguma coisa, para se desenvolver e crescer como gente. Essas aspirações, em si mesmas, são sempre maiores do que aquilo que dá tempo de realizar no espaço de uma vida. Por isso nos sentimos às vezes mais ligados à espécie humana. Há coisas que a espécie humana pode e deve realizar, mas que ultrapassam os limites de nossa vida individual. O que nós conseguimos hoje não seria possível sem o passado de uma longa história. E a humanidade deve caminhar. Quantas vezes pensamos algo assim: "gostaria de estar aqui, daqui a duzentos anos, para ver".

As aspirações do ser humano habitam na humanidade, mas também habitam em cada um de nós. O tempo de cada um de nós é menor do que o tempo da humanidade. É menor também que o tamanho dos desejos que podem morar em nós. Vivemos no tempo!

Essa limitação pode ser experimentada de diversas maneiras, e misturadamente com diversos problemas. Por exemplo, o sentimento do fracasso, de ter perdido tempo, de ter perdido uma parte de sua vida, ou a ânsia por viver, a impaciência. Há aí problemas. Se você não foi aprovado num exame muito importante, que foi o alvo único de sua vida durante anos, é o fracasso. Mas ainda existem outras oportunidades para você. No mesmo campo, ou em outros campos. São soluções. Mas estas soluções não resolvem tudo que está contido na experiência do fracasso.



O tempo que passou, passou. Não tem retorno. E para isso você sabe, no fundo, que não há solução. Para além do problema existe a crise do encontro com a temporalidade. Nós vivemos no tempo. As coisas acontecem paulatinamente.

Em todas as pessoas habita um profundo desejo de comunicação. Conseguir expressar-se diante dos outros, manifestar sua realidade interna. Ter amigos, experimentar, amar e ser amado. Acolher e ser acolhido. Discutir, conversar. Conseguir um bom entrosamento. Sentir a alegria de ter feito alguma coisa junto. — Estas aspirações podem estar deturpadas ou sufocadas, por diversas razões. Mas existem.

O ser humano é aberto. Muitas vezes sentimos que aí está o segredo da felicidade.

Entretanto em algumas situações estamos profundamente sós e incommunicáveis. Não é só por circunstâncias externas. Mas porque isso é inerente à condição humana. Há momentos de profunda alegria, ou de profundo sofrimento, pelos quais temos que passar sozinhos. Tudo que a gente consegue comunicar nessas horas, é ainda muito pouco perto daquilo que sentimos dentro de nós.

Principalmente nos momentos de decisões importantes, estamos abso-

lutamente sós. Ninguém pode tomar certas decisões por você. A não ser que você renuncie a ser uma pessoa. Nesses momentos você está realmente só. Só com a sua decisão, só com a sua responsabilidade. Mesmo que as outras pessoas fiquem sabendo. De fora.

Estranhos que somos: uma natureza aberta e comunicante, e a solidão dos momentos-chave da vida.

Muitas vezes nos encontramos com a solidão. Porque somos pessoas. Não se trata de um problema que possa ser solucionado. Trata-se de ser pessoa ou não. De assumir, ou não. Ninguém pode fazer isso pela gente.

Essa experiência da solidão pode acontecer junto com problemas. É o problema de uma escolha, de uma crise conjugal, é o desmanchar de um namoro, é no casamento do último filho, é na dificuldade de se expressar, é a solidão de um amor dominador. A solução desses problemas pode deixar sempre um saldo. Quer dizer, muita coisa aí pode ser solucionada, mas pode sempre sobrar um resto. É que não se trata muitas vezes de simplesmente regular alguns parafusos na cabeça da gente. A coisa vai mais longe. Há um encontro com a solidão, com a responsabilidade de ser o que se é.

Não estou falando da solidão de quem não tem amigos, não tem com quem conversar. Esta é muito triste. Mas não é condição inerente à condição humana! É o isolamento a que fomos submetidos por um sistema desumano de vida, ou a que nos submetemos. A solidão de que estou falando é uma face do existir de quem aceita a responsabilidade de ser pessoa. É a solidão de quem sabe que tem certas coisas que só ele pode assumir. Só essas pessoas tornam-se capazes de uma comunicação mais profunda.

Em todas as pessoas existe uma grande aspiração por viver. Ou pelo menos por viver melhor, ou diferente, se as coisas não andam bem. Tudo que fazemos é em função do viver, de expandir a vida, de nos realizarmos. E no entanto a única certeza que temos é a de que tudo caminha para a morte. Essa é a mais radical das contradições da existência humana. A crise é um encontro com a morte, onde a vida fica em questão: afinal, pra quê?

Esse encontro pode ser puro. É a descoberta do mais radical de nossos limites. Mas pode se dar junto com problemas. Como continuar a viver sem o meu marido? Ou sem o meu filho? Por que a depressão no dia seguinte ao acidente onde quase me vou? Por que não posso nem sequer falar de câncer? Por que esse medo da velhice? Por que não consigo me entregar a nada? Por que esse medo de me comprometer? De amar? — É a angústia, a tristeza profunda, o desânimo total, o vazio, o tédio, o sentimento da fragilidade humana, a falta de sentido.

Há aí problemas que podem ser resolvidos. Mas há mais do que problemas que possam ser resolvidos. Um dia a gente se vê colocado diante do fato de que vamos morrer.

Existem pessoas que vivem como se não fossem morrer. E então desperdiçam a vida. Um viver pleno surge de um encontro com a morte.

A crise é um encontro com o tempo, com a solidão, com a morte. Encontros puros, ou encontros camuflados. Encontros para os quais estávamos preparados, ou encontros para os quais não estávamos preparados.

É da crise, entretanto, que surge o homem. ●

Finados ou piquenique?

André Carbonera

O principal motivo de nossa presença na última morada, é a prece, a súplica por nossos falecidos.

Evidente. Uma crônica não salvará a pátria. Além do mais, não me reputo reformador do mundo.

Contudo, precisamos “anunciar e denunciar...”

Em Finados de 84, fui ao cemitério. Confesso que sou assíduo frequentador do “campo-santo”, por devoção e por obrigação. Rezo muito pelos mortos. E temos muitas encomendações.

Assim sendo, fiquei observando um pouco.

Notei muito capricho nos túmulos. Houve pinturas, reformas. Flores não faltaram e não faltam. Velas, então, nem se fala... Creio que muitas pessoas, de fato, rezaram pelos falecidos.

Por outro lado, em frente, à entrada do cemitério, minha Nossa Senhora!... Que era aquilo?!...

Um autêntico camping, ou, acampamento.

Barraquinhas, barraconas, trailers, carrinhos de sorvete, de cachorros-quentes, de bebidas e similares. Uma festa! O visual, bah, sensacional!

Música ambiente. Sorrisos. Piadas. Pingas. Cervejinhas. Abraços. Beijos. Paqueras. Namoros. Traições...

O povão solto e à vontade...

Na hora, lembrei-me: FINADOS, ou PIQUENIQUE?

Lógico! Não vamos nos matar, para ficar junto com os mortos.

Nem podemos nos desesperar. Absolutamente.

Entretanto, ir à “cidade dos pés juntos”, somente para festejar e passear? Muito mau gosto.

Há lugares bem melhores, para passeio. Melhores e mais condignos.

Em meio a tanta algazarra, será que houve oração?

O principal motivo de nossa presença, na última morada, é a prece, a súplica por nossos falecidos.

Do contrário, não faz sentido ir aos cemitérios.

Externamente, percebi pouquíssimo espírito de oração.

Inclusive, durante a santa missa que foi rezada, no local, xiiii, quanta gente conversando, rindo e fumando!...

Certeza! Se Deus permitisse que os mortos falassem, haveria uma reclamação generalizada. Eles não aceitariam semelhantes atitudes.

Preocupamo-nos com tanta coisa, e esquecemos a oração.

Mais. Não percebemos que muitos mortos precisam de nossa prece.

A Bíblia, já no Antigo Testamento, elogia a reza pelos que nos antecederam. Reza e sacrifícios eram efetuados pelos israelitas, em favor dos mortos.

Graças a Deus, muitas pessoas encomendam missas pelos que nos precederam. Frequentam igrejas. Oram.

É o mais plausível e mais sensato.

Para evitar confusões, gostaria de escrever que não sou contra a ida aos cemitérios. Não. Pelo contrário. Agora, ir para acampar, pô, é dose! Aaaaahhh, se os falecidos pudessem, quanta cacetada!...

Nem é bom falar!

Por sinal, a maioria dos frequentadores de velórios não tem coragem de rezar. Principalmente, os homens. Há fofocas, comentários, cigarinhos, café, chimarrão, pinguinhas, etc. Menos, reza. Lamentável!

Concluindo, FINADOS, para nós, é dia de mais súplicas e preces, ou, um baita PIQUENIQUE? ●

O purgatório: dogma do passado

José Cristo Rey Garcia Paredes

O bem e o mal, que os defuntos praticaram, persistem na comunidade dos cristãos. E como eles praticaram o mal na comunidade, e esse mal ainda pode perdurar nela, somente a partir da comunidade e através da comunidade lhes concederá Deus o perdão. É justamente aqui que reside o significado da Eucaristia e dos sufrágios pelos mortos. A oração da Igreja em favor deles tem um valor tipicamente penitencial.

Já os antigos...

Desde que o mundo é mundo sempre existiu no coração dos homens um instinto que lhes sugeriu o culto pelos mortos; este tem sido como que o *sentido* pelo qual os homens sentiram — por assim dizer — perto de si os seres amados, que ultrapassaram o umbral do “mais além”. No culto aos mortos foi sintetizada uma estranha mescla de transcendência e temor, de magia e oração, de intercomunicação e superstição.

O cristianismo não pôde prescindir desse substrato que existe na humanidade. Nele o culto aos mortos adquiriu traços totalmente peculiares. Por nossa fé, excluímos deste culto os condenados e, em certa medida, por uma sublimação do culto, os que já gozam da presença de Deus na bem-aventurança eterna. O objeto principal de nosso culto aos mortos são as “almas em sofrimento”, ou as almas que sofrem no purgatório; ou

seja, aquelas almas que morreram na amizade com Deus mas que ainda tinham que oferecer uma expiação pelos pecados de sua vida passada ou que haviam morrido em pecado venial.

O culto às almas do purgatório tem sido na Igreja um reduto onde os cristãos puderam expressar, “de modo ortodoxo”, seus sentimentos primitivos com relação aos mortos: luto, flores, sufrágios, missas de defuntos, etc.; enfim, uma série de costumes e atitudes que com freqüência nos fazem pensar na superstição.

O homem de hoje diante dos mortos

A reflexão do homem atual não incide somente sobre essas manifestações de piedade pelos defuntos, mas implica uma crítica à base dogmática que as apóia: *a crença no purgatório*.

Entre outras dificuldades, a crença no purgatório se torna incompreensível ao cristão moderno porque:

- o sofrimento do purgatório (chamadas que atormentam) parece inadequado e excessivo (pelo menos como é freqüentemente explicado) às culpas veniais que a merecem. Seria justo castigar na terra um homem com a fogueira por uma mentira sem transcendência? Não seria algo parecido o que se passa no purgatório?
- não é justo que *somente a alma* deva sofrer o castigo que alma e corpo mereceram;
- não se compreende como as almas podem passar no purgatório um número determinado de dias ou meses ou anos, quando depois da morte já não existe o tempo; ou como podem as orações e sufrágios dos vivos mitigar ou encurtar suas penas.

Que é o purgatório?

Não devemos imaginar o purgatório como uma *ante-sala* do céu onde, distantes de Deus, as almas esperam pelo seu encontro definitivo. *O próprio Deus é nosso purgatório*. O encontro do justo com Deus é um encontro de *purificação*, num primeiro momento. Não podemos definir o purgatório em instantes de tempo, nem em espaços reservados do universo. A presença *purificadora* de Deus plenamente aceita depois da morte constitui a realidade mais profunda do dogma. Ali tudo é alegria, esperança, ilusão, graça no encontro. Não existem lamentos, nem gemidos de alma que sofre; só a compreensão da grandeza amorosa de Deus e a rejeição da mesquinhez pecadora do homem. E esta realidade não afeta exclusivamente a alma; *o corpo da ressurreição* é um corpo transformado, e é nesta transformação que consiste justamente sua purificação depois da morte. Como? É um mistério segundo os desígnios de Deus.

Também os mortos são Igreja

O purgatório inclui também outro aspecto sumamente significativo



para nós: a comunidade dos defuntos com os que ainda vivemos na terra. O bem e o mal, que os defuntos praticaram, persistem na comunidade dos crentes. E como eles praticaram o mal na comunidade, e esse mal ainda pode perdurar nela, somente a partir da comunidade e através da comunidade lhes concederá Deus o perdão. É justamente aqui que reside o significado da Eucaristia e dos sufrágios pelos mortos. A oração da Igreja em favor deles tem um valor tipicamente *penitencial*.

Quando uma comunidade cristã se reúne em oração por um irmão defunto, mostra naquele momento uma atitude de perdão total, para com ele; tenta destruir em si mesma

os resíduos que o pecado do defunto pode ter deixado na comunidade e — purificando a memória, a lembrança dele — a comunidade crente se purifica a si mesma. Talvez a comunidade cristã não consiga livrar-se do mal cometido, numa única reunião de oração; pode acontecer que essa purificação tenha que estender-se no tempo, porque o mal não pode ser arrancado duma maneira automática, quando afeta uma comunidade viva.

Este é o reverso do dogma do purgatório: o que afeta a nós, que vivemos, e que pode criar no cristianismo uma autêntica renovação do culto aos mortos. Destroem-se, assim, os laços morbidos com o passado e com certos perfis da tradição que podem ser ma-

nifestações da persistência do pecado dos defuntos.

O dogma do purgatório lança a Igreja numa permanente busca de reforma ao exigir o perdão e o esquecimento do mal que os já falecidos cometeram. Sobre o destino dos mortos, contudo, a Igreja muito pouco tem a dizer. O dogma se restringe exclusivamente a admitir que existe “uma purificação depois da morte para aqueles que, não morrendo em pecado mortal, não estavam porém totalmente purificados de seus pecados. Eles estão *com Cristo*. Também nós estamos em comunhão com eles, e desta comunidade temos que haurir energias transformadoras e renovadoras.

O cristão e a missa de 7º dia

José Antônio Hintze

“Eu sou o Deus da vida! Eu estou vivo! Ressuscitado!”

Poxa, padre, como sinto saudades daquelas missas solenes, imponentes! Um verdadeiro espetáculo!

Valia a pena a gente gastar um dinheirinho para colocar aqueles monumentos ou o pano preto! Valia a pena participar daquele ato “religioso”! (Não se entendia nada, é verdade.) Mas era tão bonito!...

Ainda há gente que assim pensa e diz, quando fica ciente de que as coisas não são mais assim.

Muitas outras aberrações religiosas acontecem por ocasião das tão concorridas e nada participadas missas de sétimo dia!

Missas de defunto, de luto, onde só se lembra do Cristo morto e quase nunca do Cristo Ressuscitado. Coloque-se no lugar dEle e você gritaria ao celebrante e aos assistentes: “EU SOU O DEUS DA VIDA! ESTOU VIVO! RESSUSCITADO! EU ESTOU ENTRE VOCÊS PELO MEU ESPÍRITO!”

Você, cristão, religioso ou religiosa consagrados, eu, sacerdote da Nova Aliança, estamos vivendo este cristianismo autêntico, cheio de vida e poder? Estamos sentindo em nós a verdade das promessas de Jesus?

Queiramos ou não, vivemos um cristianismo fraco, sem vida, quase abafado pelo pecado existente no mundo, que vai solapando a sociedade, infiltrando-se até em situações religiosas, insensibilizando as consciências, a tal ponto que não se sente mais remorso! Os crimes aumentam. Os valores são invertidos.

Agiganta-se então a divindade da Igreja; se fosse só humana, já teria desaparecido.

Você não sentiu antes vontade de chorar, como Jesus diante de Jerusalém, em missas de sétimo dia, em batismos e em outros “shows” religiosos”?

Muitas tentativas foram feitas: experiências, reformas, cursos.

O desânimo desponta em muitos corações de boa vontade, mas sem saber o que fazer.

Eu estou entre vocês pelo meu Espírito!”

Desculpas aparecem: Jesus também não conseguiu muito.

Realmente, mas prometeu-nos muito: “Fareis coisas semelhantes e superiores às que eu faço!” Ele prometeu-nos o seu Espírito e assegurou-nos uma atuação poderosa com seu povo. Quantos discípulos Pedro conseguiu quando, pela primeira vez, falou sob a ação do Espírito Santo? O capítulo segundo dos Atos dos Apóstolos responder-lhe-á e colocará em sua vida uma grande questão: onde anda o Espírito Santo em sua vida?

Queremos prescindir do Espírito Santo? Ou pretendemos edificar uma Igreja simplesmente humana?

Confiança. Confiança nas promessas de Jesus. Valhamo-nos de todos os meios, mas estejamos certos de que todo nosso esforço será inútil, se o SENHOR NÃO EDIFICAR...!

O título deste artigo “O cristão e a missa de sétimo dia” seria sugestivo para uma pastoral da missa de 7º dia. Não seria ótima oportunidade para ressuscitar Cristo nestas missas?

Se todos tentassem um trabalho neste sentido, com os olhos voltados para o alto, confiantes no Senhor, poderiam acontecer grandes surpresas!

A religiosidade popular seria aproveitada, abrilhantada mesmo pela criatividade do povo e as oportunidades tão desejadas dos recém-convertidos, abririam horizontes ilimitados para um trabalho em prol do Cristo.

O sacramento dos enfermos receberia uma auréola divina, pela preparação feita por leigos conscientes e fervorosos, cujas orações propiciariam ao Senhor da vida manifestar seu poder com milagres e curas.

Quando a morte nos visitasse, e todos pagaremos nosso tributo à morte, os cristãos amigos ou vizinhos dariam todo apoio à nossa família, tornando-nos aqueles momentos dolorosos, e trágicos às vezes, luzes e esperanças de uma nova vida.

O nosso Cristo não seria de mortos só, mas de vivos, DE RESSUSCITADOS!

Como seriam diferentes nossas dores e nossas saudades, se amigos sinceros nos convidassem para noitadas de oração e amizade em nossa casa, preparando nossa família, por uma evangelização adequada, para a missa de 7º dia!

Você já imaginou o consolo espiritual e humano que Jesus traria a uma família enlutada?

Esta morte seria princípio de uma nova vida para toda a família, pois onde entra Jesus, entra a vida.

Estes apóstolos encarregar-se-iam de providenciar a missa de 7º dia, que seria bem diferente. O vigário sentir-se-ia menos profissional e mais sacerdote nestas funções.

Gente, isto seria cristão. Valeria a pena ter participado de algum movimento para estar melhor preparado para este apostolado!

Fale com seu vigário. Ponha a imaginação a funcionar, pois parece-me que aí em sua paróquia também morre gente, não é verdade? Tome consciência desta oportunidade de evangelizar.

Pense nas tristezas das atuais missas de 7º dia. Como seria diferente, após uma preparação bem bolada e bem cristã de toda a família.

Não seria um ótimo trabalho de um pós-cursilho, Encontro de Casais com Cristo, F.N.M., etc...?

Tenho absoluta certeza de que a família assim tratada aproximar-se-ia de Deus, se ainda estivesse longe dEle. E seria por seu intermédio.

Ajude o Cristo a entrar nas famílias de sua paróquia, preparando-as para a missa de 7º dia. Será tão bacana!

A IRMÃ MORTE

José Geraldo Vidigal de Carvalho

“Cristo ressuscitou, com sua morte destruiu a morte e concedeu-nos a vida para que, filhos do Pai, clamemos no Espírito: Aba, Pai”.

O segredo de uma existência sábia é ser ela uma contínua preparação para o inevitável encontro com a morte: As etapas do sofrimento pelas quais inevitavelmente passa o ser racional são propícias para uma conscientização maior com relação à passagem para a eternidade. Ante as ressonâncias que a realidade da morte desperta no homem, observa Pierre Grelot que “é impossível reduzi-la a um mero fenômeno natural cuja observação objetiva esgotasse todo o seu conteúdo. Contrariando violentamente o nosso desejo de viver, ela pesa sobre nós como um castigo; por isso, instintivamente, vemos nela a sanção do pecado”.

Eis por que é tão importante a vitória de Cristo sobre a morte. Sua ressurreição, prova definitiva de sua divindade, fundamenta essa sua assertiva: “Eu sou a ressurreição e a vida. O que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo o que vive e crê em mim não morrerá eternamente (Jo 11,25-27).”

Por outra ele advertiu sobre a constante vigilância: “Vós, pois, estai preparados, porque na hora em que não cuidais, virá o Filho do Homem” (Lc 12,14).

O pensamento da morte deve ser familiar ao cristão. Belíssima esta reflexão de Leonardo Boff: “A morte

é sim o fim da vida. Mas fim entendido como meta alcançada, plenitude almejada e lugar do verdadeiro nascimento. A união interrompida pelo desenlace não faz mais que preludiar uma comunhão mais íntima e mais total. A morte como fim-fim é verdadeira. Ela marca uma ruptura de um processo. Cria uma cisão entre o tempo e a eternidade. Mas ela cobre um aspecto apenas do homem e da morte: o biólogo e o temporal. O homem é mais do que o Bios, porque é mais que um animal. É mais do que o tempo porque ele suspira pela eternidade do amor e da vida. O homem é pessoa e interioridade. Para esse a morte não é um fim-fim mas um fim-plenitude de um fim-meta alcançada”. Se assim é de fato, e se é certo o princípio — em tudo olha o objetivo final — não pode ser estranho ao homem, ainda que jovem, o conviver sempre com a morte, cuja imprevisibilidade aconselha também a esta postura sapiente.

Aliás, os grandes santos no instante de morrer se regozijavam ante a perspectiva da vida feliz que os esperava. A cena da morte de São Francisco de Assis é comovente. Ele morreu cantando, aguardando ansioso a irmã morte.

É que, como mostra o Pe. Penido, a morte, “longe de ser uma caída

dentro da nada, é o trânsito para a glória, a passagem do deserto para a Terra da Promissão, o último desfileiro que leva às pastagens sempre verdejantes do Reino de Deus”.

São Paulo é taxativo: “Para mim o viver é Cristo, e morrer é um lucro” (Filp 1,21). Em seguida ele explica magistralmente por que o discípulo de Cristo, não obstante desejar ir para junto do Mestre, ama a existência: “Mas, se o viver na carne é útil por causa do trabalho, não sei o que escolher. Estou em aperto por duas partes: Tenho desejo de ser desatado e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor; e o permanecer na carne, necessário por amor de vós” (id. 32,24).

É que este é o tempo de se fazer o bem, justamente para que o transe da morte seja tranquilo.

É o amor ao divino Redentor a morte da morte. Esta é a tese de Balduino, bispo de Cantuária: “Forte é a morte, que tem poder para privar-nos do dom da vida. Forte é o amor que tem poder para restituir-nos o gozo de uma vida melhor. Forte é a morte, poderosa para despojar-nos do revestimento deste corpo. Forte é o amor, poderoso para roubar os despojos da morte e no-los entregar de novo. Forte é a morte, a ela o homem não pode resistir. Forte é o amor que pode vencê-la, embotar-lhe o aguilhão, travar-lhe o ímpeto, quebrantar-lhe a vitória. Assim será quando for insultada e ouvir: “Onde está, ó morte, teu aguilhão? Onde está, ó morte, tua vitória?” Razão tem o ilustre episcopo. Aliás, a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* declara: “Por Cristo e em Cristo, portanto, ilumina-se o enigma da dor e da morte que fora de seu Evangelho nos esmaga. Cristo ressuscitou, com Sua morte destruiu a morte e concedeu-nos a vida para que, filhos do Pai, clamemos no Espírito: Abba, Pai”.

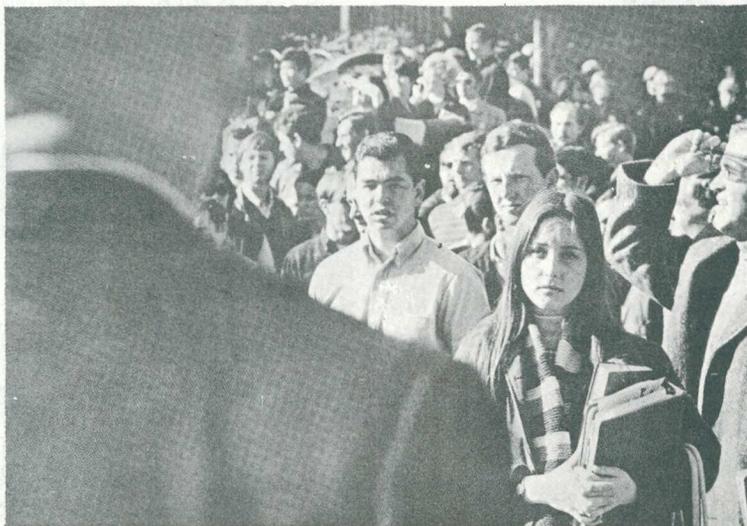
Tais consoladoras verdades são um aviso para quem sofre ou quando vem à tona o pensamento da morte.

Nada melhor para terminar estas considerações que o trecho de São João no Apocalipse: “Eu ouvi uma voz do céu que dizia: felizes os mortos que morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, que descansam de seus trabalhos, pois as suas obras os seguem” (Apoc 14,13).

você e a CONSTITUINTE

Pasquale Filippelli

*Não se brinca de Constituinte.
Nem se faz da Constituição um travesseiro.
Mas o POVO deve organizar-se para
garantir a aplicação daqueles princípios que de
fato tornem a vida mais justa e mais fraterna.*



Sinta-se VOCÊ Constituinte

De repente, o povo acorda. E se dá conta de que está vivendo em clima de ditadura.

O Poder legislativo amordaçado. A força total nas mãos do Executivo. Decretos-leis e "recados-leis" assumem a força do sistema que não tem pejo de se chamar DEMOCRACIA.

Na verdade vive-se o absurdo de uma democracia sem povo. Vive-se — e lá se vão 22 anos — o direito da força sobre a força do direito.

Povo anestesiado. Intelectuais silenciados ou banidos. Liberdade reprimida. Dívida social em ascensão. E à distância o eco da ditadura: "A LEI?! ORA, A LEI..."

Povo cansado

Na modéstia das comunidades de base. Nas medrosas reuniões de grupos. Nos tímidos sermões paro-

quiais... Aos poucos vai aumentando a voz dos sem voz.

Se a censura silencia uma rádio, a voz do homem simples corre mais veloz.

Se os espaços de jornais censurados nos relembram versos de Camões ou nos brindam com receitas de culinária, na verdade é que o nó espetado na garganta procura uma saída. E é no silêncio que se emoldura o grito de DIRETAS JÁ que percorre o país, e o povo... já não há quem o detenha.

Mas DIRETAS JÁ reclama uma lei. Que defina os grandes princípios para normalizar a vida deste país. É um povo cansado e com fome que pede, com as DIRETAS JÁ, que se celebre uma CONSTITUINTE. E celebrar lembra mais um ato litúrgico. Como se fora o grande sacrifício, a imolação, a queima total de longos anos de opressão e de injustiças, no altar da Pátria, para a grande Ressurreição.

E é do peito do povo cansado que saiu o grito: CONSTITUINTE JÁ.

CONSTITUINTE?

O que é isso?...

É um momento importante para a vida nacional. E eu diria, no caso concreto, é o momento mais importante da vida nacional. É O PROCESSO DA ELABORAÇÃO DA CONSTITUIÇÃO.

O próprio significado da palavra PROCESSO indica um *caminhar*, prosseguir, proceder... E em se tratando de algo que vai atingir pessoas, enquanto pessoas, e estas em relação com os diversos segmentos da sociedade, me dá impressão de ver uma grande orquestra afinando seus instrumentos, para a grande sinfonia nacional. Onde a *dominante* seja a justiça e as relações tenham gosto de *Fraternidade*. Justiça e Fraternidade sem privilégios. O doutor ao lado do analfabeto. O branco junto do preto. O índio em companhia dos assim chamado civilizado. O rico e o pobre. O homem e a mulher. O jovem e o adulto. O menor. O marginalizado. O operário e o patrão... Todos. Mas todos de verdade. Falando. Discutindo. Afinando. Buscando, afinal, juntos, quais os caminhos que se querem caminhar, para sacramentar, para codificar, quais os caminhos que possam levar realmente à justiça e à fraternidade. Afinal, se somos todos iguais perante a lei, a lei deve emanar da vontade de todos. Porque no momento em que se privilegia uma classe, seja ela qual for, para esta dizer aos outros o que eles, os outros, devem fazer, aí surge a marginalização. De um lado, os que são marginalizados pela lei para cuja elaboração não se sentiram participantes e, do outro lado, os que decidiram, guardando para si os privilé-

gios que por lei se atribuíram. Seria mais uma farsa. Como farsa foi a constituição que nos impingiram em 1824, logo depois da independência. Ou em 1891, quando da proclamação da República. Ou em 1924 após a Revolução Constitucionalista de São Paulo. Ou em 1937 por ocasião do Estado Novo. Ou em 1946 quando declinava a ditadura do Sr. Getúlio Vargas. Ou após o golpe militar de 1964. Lembre 1967 com os tristemente famosos Atos e Emendas Institucionais... O que sentimos é que os vários momentos constituintes, que marcaram a história do Brasil, nos legaram esta constituição autoritária, emendada e remendada e que rege a desafinada sinfonia do nosso país.

Para que não se repita essa vergonha histórica, é preciso impedir que se cerceie a liberdade de expressão e a participação do povo neste processo constituinte. E que todos estejamos atentos para a malícia do projeto em tramitação na câmara federal. De fato, este projeto confere poderes constitucionais ao Congresso Nacional e exclui a participação e a expressão popular. Seria começar tudo "da capo". Seria consagrar a tirania do poder público e o arbítrio do poder econômico.

Ao contrário, a participação do povo legitimará uma constituição porque este, o povo, sabe mais do que muito diplomado em direito, ou bafejado pelos cargos políticos, ou aureado pelos Mídas da vida, pois experimenta na carne para onde leva a falta de justiça e a falta de fraternidade.

CONSTITUIÇÃO

Arma do povo vigilante

É a lei básica que fixa os princípios para a sonhada sociedade Justa e Fraternal.

É o último passo de um processo (*constituinte*), quando os princípios são definidos (*constituição*). E os princípios são poucos. Como poucas são as vigas que sustentam um edifício. Mas são sólidas. São definitivas. Eles estão ligados à pessoa no seu direito de ser e existir. De valorizar-se e relacionar-se. São os grandes temas que não podem faltar, sob pena de trabalhar no abstrato.

- O direito ao trabalho.
- O direito à terra.
- O direito à moradia.
- O direito ao salário justo.
- O direito à alimentação.
- O direito à saúde.
- O direito à educação.
- O direito à liberdade.
- O direito à participação.

São estes, a meu ver, os grandes temas que devem ficar bem definidos e amarrados na Constituição.

Povo fiscaliza

A mobilização do povo, em suas assembléias de bairros; em suas comissões municipais; nos grupos de toda cor e matiz; em pequenas ou grandes comunidades, deve surgir aí o clamor que venha constituir a carta magna: a Constituição.

Mas também não basta. Há lei mais justa e perfeita do que a lei de Deus? Há princípios mais sólidos e basilares do que os dez mandamentos? Tão perfeita essa lei que alguém já disse. "Todas as leis do mundo são para afirmar o que Deus deixou como lei proclamada no Monte Sinai, ou para sancionar o que se cometeu contra ela". Poderíamos até simplificar muito mais, se os homens se lembrassem do primeiro mandamento — "AMAR A DEUS SOBRE TODAS AS COISAS", completado pelo "E AO PRÓXIMO COMO A SI MESMO. Pode haver leis mais simples e mais perfeitas?

Pode acontecer o mesmo com uma constituição. Participada. Discutida. Consenso de todos os homens... e não faltarão depredadores da lei. Serão aqueles que, eventualmente atingidos em seus privilégios, ressurgem buscando espaços... Os que "não dormem sem fazerem o mal".

É aí que entra a vigilância do povo para fazer cumprir a lei. A Constituição.

Não se brinca de constituinte. Nem se faz da Constituição um travesseiro. Mas o povo se deve organizar para garantir a aplicação daqueles princípios que de fato tornem a vida mais justa e mais fraterna.

Leia e discuta com sua comunidade, vizinhos, escola...



Ser missionário. Por quê?

Se você é um jovem dinâmico e sincero que sente:

- Amor pelos pobres
- Sede de justiça
- Coragem de sofrer pelos outros
- Vontade de anunciar o Evangelho a todos
- Vontade de ser missionário
- Audácia de proclamar a verdade
- Anseio de paz entre todas as pessoas
- Amor por Deus, nosso Pai
- Zelo pela salvação de toda a humanidade
- Desejo de trabalhar por um mundo melhor

Alegre-se!

Você é um convidado por Jesus Cristo para anunciar o Evangelho. Sinta a satisfação e o contentamento daqueles que trabalham pela paz, pela justiça e pelo amor.

É Cristo quem chama. Você está sendo convidado para ser MISSIONÁRIO CLARETIANO.

Para informações escreva para:

- Seminário Claretiano
Av. Pe. Claret, 2353
Caixa Postal 23
Fone: (0512) 73-1566
93250 Esteio, RS
- Seminário Claret
Av. Um (Fim)
Caixa Postal 136
Fone: (0195) 24-2048
13500 Rio Claro, SP
- Comunidade Claretiana
R. Bahia, 1596
Caixa Postal 2338
Fone: (031) 222-6059
30000 Belo Horizonte, MG
- Seminário S. Antônio M. Claret
R. Bueno Brandão, 495
Caixa Postal 115
Fone: (035) 421-1108
37550 Pouso Alegre, MG

Política ou moral?

Isidoro De Nadai

A Igreja não pode deixar de protestar quando se afirma que para ganhar e para manter o poder quaisquer meios servem. Segundo os princípios fundamentais da moral, os fins não justificam os meios.

Falar de moral social, isto é, apresentar as exigências cristãs de uma ordem social, política e econômica, é sempre difícil e perigoso, em nosso País, pois os interesses contrariados logo se assanham e atacam com virulência emocional. As pessoas e grupos que se sentem atingidos pela palavra da verdade imediatamente rotulam de políticas as colocações que não lhes agradam, por mais que, objetivamente, as percebam morais e evangélicas.

Percebe-se facilmente que as reações negativas só hipocritamente têm origem religiosa. As alegações desse tipo são feitas para encobrir interesses contrariados. Tanto isso é verdade, que as mesmas pessoas se desmanchariam em elogios incontidos, se as colocações lhes fossem favoráveis. Aí, naturalmente, as colocações seriam justas, oportunas e até muito evangélicas...

Se, em qualquer circunstância, é perigoso urgir a aplicação dos princípios morais e evangélicos no trato da coisa pública, pode-se calcular quanto risco não envolve tal urgência em tempo de campanha eleitoral! E, no entanto, eu tenho para mim que a Igreja não tem o direito de se omitir nesse momento em que, em boa parte, se joga o destino da nação e do seu povo. Isso, principalmente, tendo-se em conta as crises profundas em que nos debatemos.

Evidentemente, a Igreja não irá apontar um candidato, nem vetar outro. Não é esse o seu papel, a não ser num caso extraordinário em que o postulante perfilasse idéias e programas abertamente incompatíveis com a moral cristã.

Por aí se percebe que a Igreja não está "em cima do muro" quando

não aponta nem veta candidatos. Seu lugar exato é, de per si, acima dos partidos, das facções e das candidaturas. Estou convicto, porém, de que a Igreja poderia ser acusada de se colocar em cima do muro, se ela não dissesse cristalinamente que a atividade política e social precisa definitivamente ser balizada pela moral e pelo Evangelho. Seria omissão de sua parte não ver e não apontar a dife-

rença essencial entre forças sociais e políticas que se regem por princípios éticos e outras que, por hipótese, dessem de ombro a tais princípios.

A Igreja tem como um dos princípios fundamentais de sua moral que os fins não justificam os meios. Ela não poderia, pois, sem ser omissa, deixar de protestar quando se afirma que para ganhar e para manter o poder quaisquer meios servem. Não, definitivamente, isso é falso em moral e na prática extremamente perigoso! E é preciso que se diga isso.

Dizer se hoje acontece isso ou coisa parecida; discernir onde se encontram as forças mais puras e mais construtivas; perceber se em ambos os lados militam essas forças positivas, ou se a grande maioria dessas forças se encontra especialmente de um lado; chegar à conclusão pessimista de que em ambos os lados só se movem forças interesseiras e desagregadoras, compete a cada um de nós, ou melhor, aos privilegiados eleitores do colégio...



CRISTÃOS E POLÍTICOS ATÉ QUE PONTO?

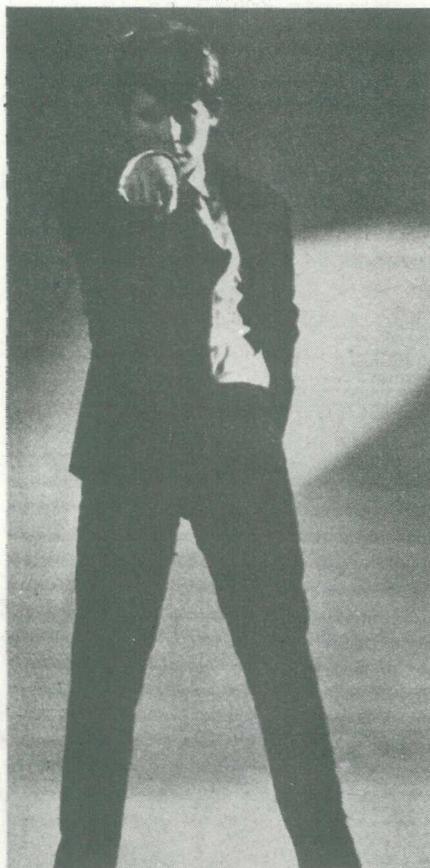
José Fernandes de Oliveira

Quando já não se consegue mais ouvir alguém com idéias diferentes e se agride este irmão porque não é da mesma linha, o Evangelho está sendo vivido à direita ou à esquerda de Jesus, mas não em Jesus.

O saudável e necessário hábito de fazer política, inclusive a partidária, chegou aos cristãos brasileiros, católicos e evangélicos. Muitíssimos começam a entender que sua própria fé lhes impõe a coerência de se envolver com os problemas do povo e da comunidade local, iluminados pela palavra de Deus e inspirados por propostas que levem o país a sair do impasse político, econômico e social a que chegou.

Nesta caminhada, muitos optaram por um tipo de neocapitalismo ou neoliberalismo que tenta conciliar o lucro com a justiça distributiva. Outros entendem que sem o socialismo este país jamais encontrará a grande resposta de igualdade, da qual desesperadamente necessita para encontrar a si mesmo. E há os mais exigentes que entendem que, sem revolução armada, nenhum rico cederá e nenhuma justiça será feita.

É aí que o diálogo começa a emperrar. E emperra porque, se continuassem verdadeiramente cristãos, entenderiam os caminhos de cada qual na direção da verdade do Evangelho. Mas, porque optam por metodologias que consideram as únicas viáveis, fecham-se ao sadio debate até mesmo dentro da Igreja e começam a rotular os irmãos na fé, que porventura não sejam de sua corrente, como "meio cristãos". Só eles são cristãos até as últimas consequências, ou só eles são cristãos como Jesus queria.



E assim ficamos nós, em Igrejas divididas, divididos por idéias políticas e propostas sócio-econômicas, medindo aquele cristão ou aquele padre ou bispo não pela maneira como vê o próximo e sim pela maneira como faz política. Para os cristãos "moderados ou liberais" quem não o for, não é cristão... Para os cristãos revolucionários ou pró-socialismo quem não o for, não entende nada de Evangelho... Para os de direita e abertamente pró-capitalistas e pró-ocidentais, quem milita na esquerda é ateu ou pelo menos um inocente útil a serviço do comunismo internacional...

Se antes não havia o medidor de cristianismo, agora existe. E não é o Evangelho. É a maneira política como alguém vive este Evangelho. Se o viver mais à esquerda ou mais à direita, já está rotulado pelo grupo que o julga.

E a pergunta que fica no ar e no coração inquieto de quem porventura ainda acredite que Jesus Cristo une as pessoas é a de Paulo: — Está Jesus Cristo dividido? (1Cor 1,13). Exorto-vos a não cultivar divisões entre vós (1Cor 1,10).

Se no tempo de Paulo os cristãos se dividiam em torno de pregadores famosos, como ele próprio, Pedro e Apolo, hoje a divisão vem em nome de pregadores e de linhas de ação. E os dois, três ou quatro lados, têm culpa.

Quando já não se consegue mais ouvir alguém com idéias diferentes e se agride este irmão porque não é da mesma linha, o Evangelho está sendo vivido à direita ou à esquerda de Jesus, mas não em Jesus. E ao lado de Jesus morreram dois ladrões. Só que um deles se converteu e o outro não. E nunca saberemos quem estava à direita ou à esquerda dele... Se o ponto não for Jesus, corre-se facilmente o risco de fechamento. Não é isso o que está acontecendo conosco? •

*Senhor,
o nosso coração
está inquieto...*

(S. Agostinho)

*Você não está
inquieto? inquieta?
Jovem, qual o seu ideal?*

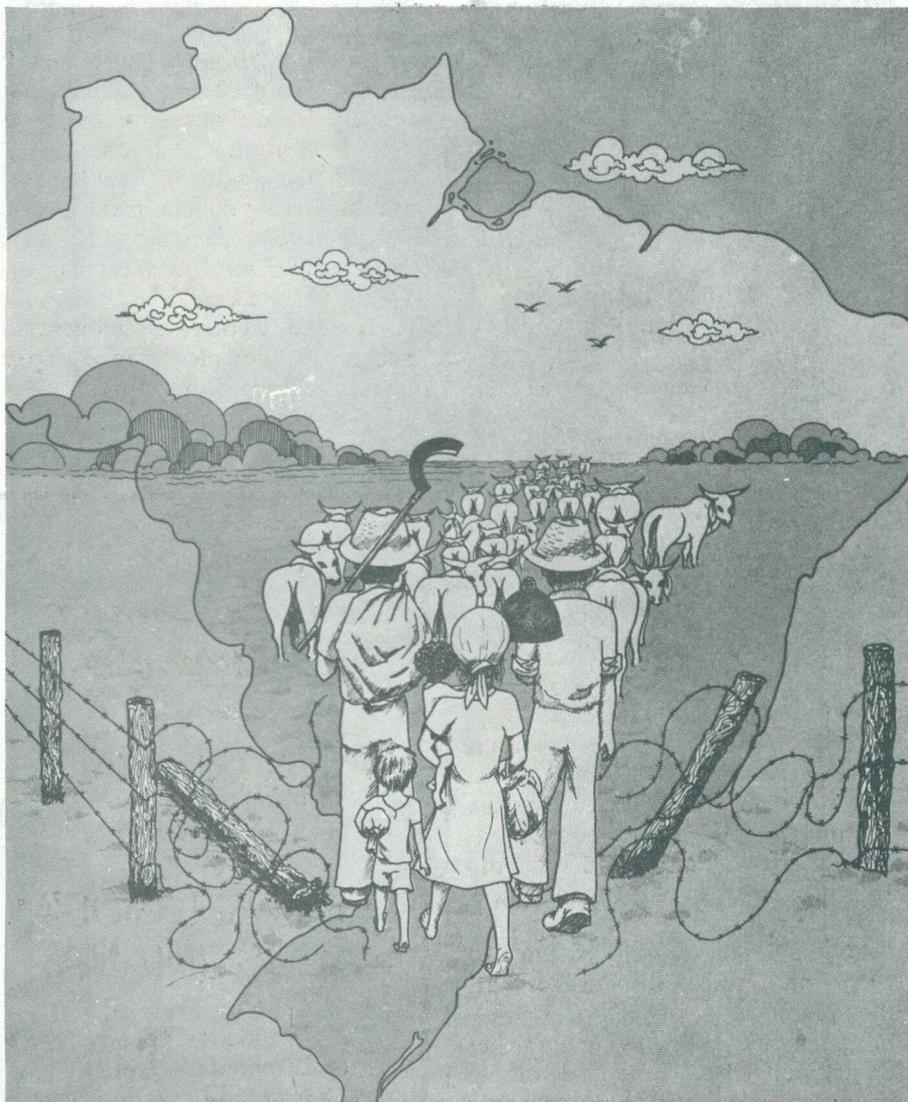
**VIDA RELIGIOSA
AGOSTINIANA:**

- Vida de oração
- Comunidade Fraterna
- Serviço ao povo de Deus: evangelização, educação, promoção humana, missão, CEBs.

**INFORMAÇÕES EM NOSSO
SECRETARIADO VOCACIONAL**
Irmãs Agostinianas Missionárias
Padres Agostinianos
R. Eng. Figueiredo, 31 - Vila Mariana
04012 - São Paulo - SP
Fone: (011) 571-8959

Migrantes apontam doenças e dão receita ao Brasil

Ana Valim



“Mudarei o destino do meu povo:
Eles construirão as cidades devastadas
e as habitarão, plantarão vinhas
e beberão o seu vinho, cultivarão lavouras
e comerão os seus frutos.

Eu os plantarei em sua terra e não mais
serão arrancados da terra que lhes dei, diz
o Senhor Deus” (Amós 9,14-15).

Enquanto o governo “cozinha o galo” do Plano Nacional de Reforma Agrária, aumenta o número de trabalhadores sem terra, no Brasil, assim como os conflitos pela posse da mesma; empresários de mineração, apoiados por políticos, em Roraima, tentam por todos os meios explorar a terra dos índios; gente sem terra do Sul que vai para o Norte, gente sem terra do Nordeste que vem para o Sudeste; gente que cruza o país todo, crucificada pela falta de terra, trabalho e pão... gente que vem, gente que vai, vivendo na carne o “poema da terra” do poeta mineiro Deo Costa — “Meu coração esperneia cheio de potros selvagens ao ver o sertão, terra do homem pisado, dividido em latifúndio entre poucos homens que mandam e oprimem privilegiados pelo poder... meus olhos choram nas rodoviárias ao verem o homem da terra em forma de lixo a fome engolindo...”

É! O Brasil está doente, mas parece que os “médicos” contratados para tratá-lo só falam bonito e fazem promessas, porém estão muito longe de cortar o mal pela raiz. Prova disso foi o levantamento da realidade migratória feito no 2º Encontro Nacional dos Migrantes, realizado em São Paulo, no último mês de setembro e promovido pelo Serviço de Pastoral dos Migrantes — SPM, ligado à linha 6 da CNBB.

Brasil de chagas mil

Partindo do pressuposto de que o Brasil é um país doente, representantes das várias regiões brasileiras, vindos de Roraima, Rondônia, Mato Grosso, Bahia, Minas Gerais, São Paulo (capital e interior), Paraná e Rio Grande do Sul, que participaram do 2º Encontro Nacional dos Mi-

grantes do SPM, “diagnosticaram” as graves doenças que vêm afligindo a Nação. Foram detectados os mais variados “vírus”, que vão desde a concentração de terra nas mãos dos grandes latifundiários nacionais e internacionais, passando pela corrupção policial e o jaguncismo, até o inchaço das grandes cidades e suas desastrosas conseqüências.

De acordo com o documento “Migração e as transformações da Agricultura”, da socióloga Marilda Aparecida de Menezes do CEM — Centro de Estudos Migratórios de São Paulo —, uma das características mais marcantes da década de 70 é a migração para a Fronteira Agrícola, sendo o Estado de Rondônia um exemplo típico deste tipo de migração. Segundo dados da SEPLAN, do segundo semestre de 1977 a 1984, entraram em Rondônia 474.645 migrantes e, de acordo com o INCRA, até 1985, entraram 540.000, num total de 90 mil famílias. Diante desse crescimento espantoso populacional provocado pela propaganda enganosa do governo, as “doenças sociais” proliferam: desemprego, grilagem, falta de recursos: preços baixos do produto, atravessadores, estradas precárias, custo de vida alto; presença exploradora das mineradoras estrangeiras, expulsão dos seringueiros. Dentre essas doenças apresentadas, está a escravidão branca ressaltada pelos representantes de Rondônia no encontro dos migrantes. “Aqui estão principalmente os migrantes vindos do Estado da Bahia, que chegam em caminhões (em média, um por semana) e são praticamente vendidos aos fazendeiros, principalmente no município de Ariquemes. Estes homens são vendidos pelo físico: aqueles que são mais fortes, são mais caros, os mais magros, mais baratos”.

De outro lado, na região Centro-Oeste as doenças maiores têm sido o garimpo no Mato Grosso que, altamente divulgado pela Rádio Nacional, de Brasília inclusive incentivando os trabalhadores a deixarem suas terras para “buscar ouro”, desmantela as famílias, provoca a prostituição, o alto custo de vida, a violência; a falta de terra para trabalho em Goiás; a malária e a falta de recursos no campo da saúde; o abandono por parte do governo dos colonos nos projetos de colonização.

A TERRA É DO GADO

8,6 cabeças no estado	para cada pessoa
26,2 cabeças no campo	para cada pessoa
51,8 cabeças rural	para cada trabalhador
Crescimento anual do boi	6%
Diminuição anual das propriedades	4%
Diminuição anual da mão-de-obra no campo	2,5%

“O boi passa a ser mais importante que o homem: ‘A gente derruba a mata virgem, mata os bichos e depois os bois mata nós’”.

Fonte: “Migração e as transformações da agricultura” — CEM/85.



E quanto ao Nordeste, muito se fala da seca, porém há mais doenças lá, por exemplo, os açudes que são construídos pelas frentes de trabalho populares, porém, nunca em benefi-

cio dos pequenos proprietários; embora subsidiados pelo dinheiro público, favorecem somente os grandes proprietários; a penetração do pró-álcool abrangendo toda a área litorã-

nea nordestina, que está expulsando moradores de engenho que representam a quarta geração de famílias residentes no local, transformando-os em bóias-frias (apenas 1% dos bóias-frias da cana tem carteira registrada).

O desemprego, a falta de recursos para trabalhar a terra, a falta de condições básicas de vida, fazem com que os trabalhadores rurais do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, região sudeste, migrem para Dobrada e Santa Ernestina-interior de São Paulo, onde ficam seis meses do ano trabalhando no corte da cana, ou seja, 80% da população do Vale fica seis meses trabalhando nas suas terras (pequenas propriedades comprometidas com os empréstimos bancários), plantando produtos de subsistência, e os outros seis meses submete-se à dura vida, sem direitos, dos bóias-frias das grandes usinas paulistas de cana.

O Sul está caminhando rumo ao Norte e Centro-Oeste, levado pelas

propagandas das colonizadoras, o que já é consequência do êxodo rural forçado pela falta de terra de trabalho, a falta de incentivo por parte do governo, a construção de hidroelétricas. A Região Sul apresenta também “doenças” sofridas pelos migrantes latino-americanos; a desinformação, a falta de segurança e o subemprego.

Segundo dados da Fetaeg — Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado (Fetaeg-RS), somente entre 1970 e 1980, quase 2 milhões de agricultores abandonaram o campo no Rio Grande do Sul por falta de terras para produzir. Setecentos e noventa mil pessoas saíram à procura de novas áreas fora do Estado, sendo que 400 mil migraram e 390 mil deixaram o país — 320 mil estão no Paraguai e 70 mil na Argentina. Um milhão de pessoas deslocou-se para os centros urbanos. Ainda assim, o Rio Grande do Sul tem hoje 140 mil famílias sem terra.

“Vitamina C e Terra”

O problema da terra é comum a todas as regiões do Brasil, o que é inacreditável num país tão grande, tão rico, tão cheio de gente pronta para trabalhar a terra. É bem verdade que o Brasil está doente, doente no seu povo, doente nos seus pobres, doente na sua política, doente na sua vontade de curar-se.

O Brasil precisa sarar e os participantes do 2º Encontro Nacional dos Migrantes receberam alguns remédios bastante caseiros: Reforma Agrária Já! mudança na política agrária e agrícola, fixação do homem no campo; organização e participação política; participação efetiva no debate da Constituinte; formação de sindicatos autênticos, acabar com a corrupção nos movimentos populares para uma sociedade mais justa e igualitária.

Energia, Brasil! Mas, energia mesmo...

Constituinte: um assunto para o povo de Deus

“... mas Jesus, chamando-os para junto de si, lhes disse: ‘Sabeis que os chefes das nações as governam despoticamente e os grandes abusam do poder que têm sobre elas’...” (Mt 20,25).

Desde sua independência, em 1822, até hoje, o Brasil teve sete Constituições e destas, nenhuma contou com a participação popular efetiva, apenas três foram frutos de uma Assembléia Nacional Constituinte; as outras quatro foram simplesmente impostas pelo Governo. A última Constituição brasileira de 1969 foi feita pelos militares que deram o golpe de 64 e serviu para manter o regime autoritário implantado no país no decorrer dos longos e tenebrosos 20 anos de ditadura.

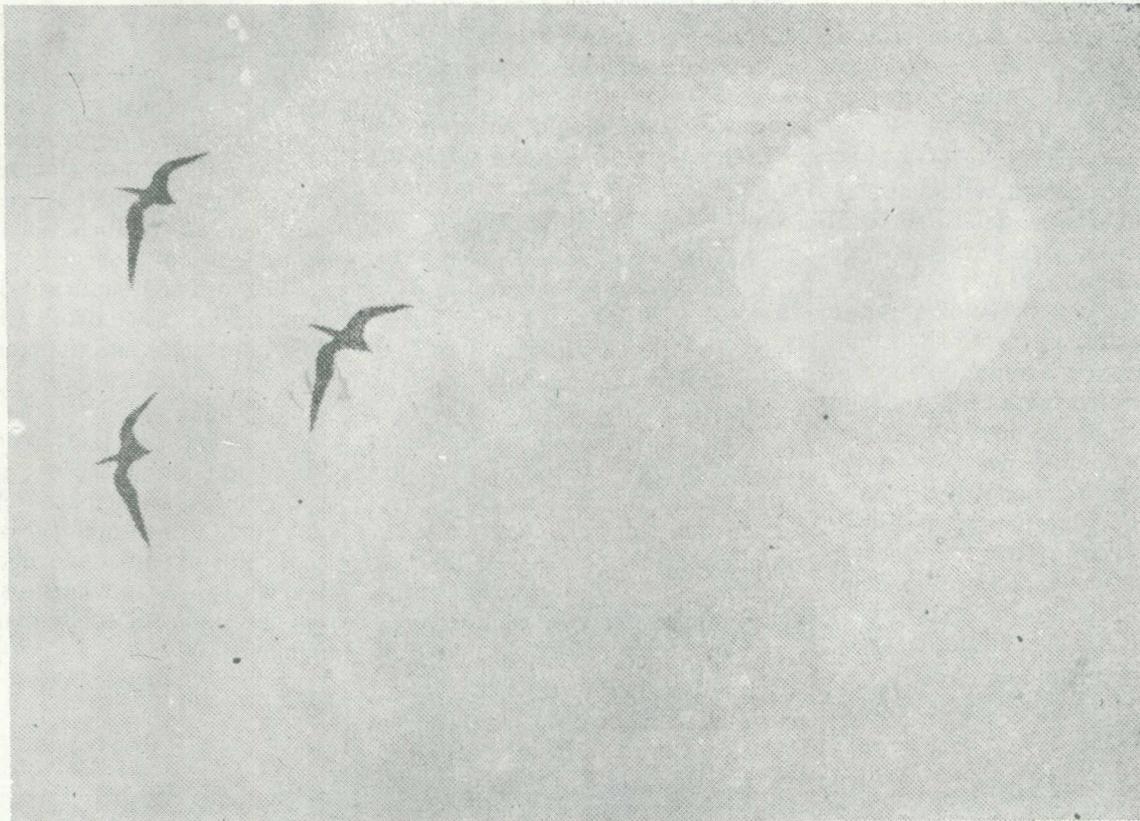
E hoje, quando sopram os ventos da “Nova República”, se faz necessária uma nova Constituição, embora se saiba que o poder continua nas mãos da classe dominante (dona do capital produzido pelos trabalhadores). E é exatamente por isso que os trabalhadores, o povo todo, devem participar de maneira efetiva não só no debate para a for-

mação da Assembléia Nacional Constituinte, como também, e principalmente, da elaboração da própria Constituição, no sentido de acabar com as leis que reprimem e não permitem que a Nação viva na “ordem” e consiga o real “progresso”: leis que proíbem as greves, as eleições diretas; que censuram a imprensa; Lei de Segurança Nacional; prisão e cassação por razões políticas e impedimento aos cassados de serem votados em eleições sindicais; leis que impedem o pagamento de reajustes salariais acima da inflação...

Por que a Constituição é tão importante para o País e por que é um assunto para o povo de Deus discutir?

Em primeiro lugar, a Constituição é a lei que direciona um país, que regulamenta como deve se organizar do ponto de vista econômico, social e político e que estabelece os

direitos e deveres do cidadão e do Estado. Por ser a lei maior, como é chamada, a Constituição pode colaborar tanto para a vida do povo, como para a morte, ou seja, somente colaboraria para a vida, se fosse realmente participada pelos vários setores da sociedade e não só pelos donos do poder político e econômico como a história mostra. Por outro lado, para garantir a vida, e contrariando tudo o que foi feito até agora em termos de Constituição, a *nova Constituição* deve levar em conta pelo menos alguns pontos principais defendidos pelos trabalhadores do campo e da cidade: terra para trabalho (Reforma Agrária), salário mínimo digno para manter a família, estabilidade no emprego, liberdade e autonomia sindicais, previdência social garantida a todos os brasileiros (médico, hospital, dentista...), ensino gratuito até o segundo grau, liberdade de organização para todos os partidos, direito de morar. Tudo isso mantém a vida do povo, e a vida é um dom de Deus... “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em plenitude” (Jo 10,10).



Continuação

Cinco leituras sobre libertação à luz da "catequese renovada" da CNBB

José Penalva

3. DE QUE NOS LIBERTAMOS

3.1.

De duas maneiras nos indica o Documento os objetivos da Libertação: diretamente, quando nos diz, por exemplo, "libertar da angústia"; ou indiretamente, ao apontar, por exemplo, os efeitos positivos da Libertação como quando diz "empenho na busca de uma sociedade mais solidária". Respingando passagens como, de uma outra maneira, a "CR" nos assinala os objetivos da Libertação, podemos encontrar o seguinte

elenco de *escravidões que pesam sobre nós*.

Em primeiro lugar surge, com impressionante insistência, a escravidão do *pecado*. O Êxodo põe em evidência a mão do Pai que promete a libertação do pecado (185), pois nos séculos que antecederam Cristo, o povo acabrunhado pelo pecado esperava a Libertação (189). Quando vem Jesus, ele encarna o clamor da Libertação do homem e, como Cordeiro de Deus, redime-nos, tirando o pecado do mundo (194). Hoje a comunidade é convidada a libertar-se (146), superando as estruturas do pe-

cado (216). Para isto importa converter-se mais e mais ao Evangelho, fortalecendo a liberdade que foi ferida pelo pecado, através da reconciliação no Sacramento da Penitência (221, 240). A seguir encontramos um aceno a certas *situações pessoais internas* como o egoísmo, especialmente o do rico, o apego à riqueza, o individualismo do pobre e sua atração pelos falsos ideais da sociedade de consumo, o sentimento de fracasso e falta de realização pessoal (108, 114, 146, 273). Também descobrimos *situações externas de sofrimento*, situações concretas, como diz o Documento, lembrando Medellín, com

a situação dos pobres, dos oprimidos, dos injustiçados, subdesenvolvidos, prisioneiros, cegos, vítimas da violência (20, 93, 114, 189, 222, 240, 274, 275).

Importante que "CR" nos advirta para o fato de essas situações assumirem características *estruturais* ao apontar, por exemplo, as "estruturas de pecado na vida pessoal e social", o "poder político", a "violência" com suas "tentações", afirmando mesmo que muitas vezes a sociedade se estrutura a partir e em função do pecado (192, 216, 243). Muito bonito o n.º 186 que alude à cristificação do cosmo e à restauração de toda "ordem" espiritual, citando CL. 1, 15-20. Esta passagem do Apóstolo nos traz à memória Rm, 8, onde Paulo afirma que a criação foi escravizada, "geme e chora" e "aguarda a manifestação dos filhos de Deus" (19-20).

3.2.

O Documento alude também a certos *reducionismos, dualismos, confusões e identificações* simplistas que dificultam uma compreensão correta do objeto da Libertação.

A pessoa humana deve ser considerada um todo com seus direitos e deveres, suas dimensões individual, comunitária e social. A comunhão trinitária deve "estender-se a todas as dimensões da vida, inclusive econômica, social e política".

Por isso não se trata de uma libertação meramente espiritual, mas "total". "Por isso ela também força, em nosso peregrinar, para que levemos a bom termo, mediante o compromisso transformador da vida, a realização plena do Reino, segundo o plano de Deus" (25, 99, 202, 224).

É face a essa integralidade que o Documento denuncia os dualismos, reducionismos e confusões ou identificações simplistas. Vejamos:

História da salvação e história humana: já vimos como estes dois conceitos não se identificam, devendo, entretanto, unirem-se como valores reais; identificá-los, afirmá-los como inconciliáveis, negar um ou outro seria ou exagerar na afirmação de sua unidade ou desconhecê-la. Conseqüentemente, *projeto salvífico de Deus e aspirações humanas* devem relacionar-se numa integralidade que

não desconheça sua autonomia. Analogamente, relacionam-se *ação reveladora de Deus e experiência humana, Igreja, Povo de Deus e comunidades temporais, carismas sobrenaturais e valores humanos, convicção e ação, doutrina e situação, ortodoxia e ortopraxis, sacramento e vivência, estudo sério e sistemático da doutrina de Cristo e experiência vital* (69, 70, 116, 117).

3.3.

Importa ainda conscientizar-se de que a *visão cristã* integradora da Libertação nada tem a ver com outras visões estranhas ao Evangelho como a visão esteticista e moralista do mundo helênico preocupado apenas com a perfeição pessoal; a visão libertária da religião da humanidade consubstanciada na "Liberté" da revolução francesa; a visão escatológico-marxista da revolução russa ou de certos movimentos de libertação da América Latina; a visão do capitalismo liberal do "american way of life" que incendeia a imaginação de tantos.

A visão cristã, antes de mais nada, é profundamente *religiosa*. Sob o ponto de vista positivo ela consiste no compromisso transformador da vida para a realização plena do Reino. Cristo liberta seu povo e, por ele, toda a humanidade cuja história é convertida em história salvífica onde os homens se reconciliam entre si e com Deus. Assim a Libertação tende a consumir-se na realização do encontro com Deus face a face: o Reino não é um mundo utópico aqui na terra, nem apenas a felicidade depois da morte; o Reino começa aqui e, envolvendo mesmo o cosmo, consuma-se na eternidade. Mas precisamente porque começa aqui, deve procurar apaixonadamente criar formas mais humanas de vida (104, 190, 174, 224).

Sob o ponto de vista negativo, diríamos que a Libertação seria, antes de mais nada, libertação do pecado e de suas conseqüências: do pecado em nosso íntimo, em nossa inter-relação, nas estruturas, mesmo na estrutura do cosmo (186, 216, 243).

Só assim a Libertação é colocada no contexto e em função de referenciais cristãos, sendo dever nosso evitar incongruências e lutar para que se preserve nossa identidade. ●

SIM, EU TAMBÉM VOJ SER PADRE



Para me consagrar ao serviço do Reino de Deus, que é verdade, justiça, paz, amor, fraternidade e alegria.

Para tornar a defesa dos marginalizados, dos sem fé, sem amor, sem esperança, sem liberdade, sem justiça, sem comida, sem casa, sem escola, sem saúde, sem emprego, sem voz, sem vez, sem presente e sem futuro.

Para me dedicar à salvação do homem inteiro e de todos os homens, meus irmãos.

Você está pensando como esse jovem? Então, jurte-se a nós porque ele já é um dos nossos.

PADRES DE SION

INFORMAÇÕES

Secretariado Vocacional de Sion

Rua Lino Coutinho, 444

Fone: (011) 63-7489

04207 - São Paulo, SP

São Carlos Borromeu: o santo do mês

Antônio Joaquim Lagoa

São Carlos Borromeu nasceu aos dois de outubro de 1538, em San Miriato, numa região junto ao lago Maggiore, na fronteira da Itália e Suíça. Pertencia a uma família da alta nobreza de Milão. Menino ainda, revelou ótimo talento e uma inteligência rara. Desde a infância mostrava sua inclinação para a vida religiosa, pela piedade e temor a Deus. Os pais animaram Carlos naquele modo de pensar e levaram-no a seguir a carreira sacerdotal. Com 12 anos recebeu a tonsura e o hábito. Com 16 matriculou-se na Universidade de Pávia para ouvir as preleções do célebre canonista Francisco Alciati.

Aos 22 anos e com os estudos concluídos, foi chamado a Roma, por seu tio, que tinha assumido o governo da Igreja, sob o nome de PIO IV. Sua função em Roma foi a de assessorar o Papa no governo da Igreja. Cardeal aos 23 anos, logo se tornou arcebispo de Milão. Só mais tarde recebeu a unção sacerdotal. Carlos revelou um tino administrativo extraordinário, unido a uma justiça incomparável.

O Concílio de Trento sofreu uma interrupção. S. Carlos foi chamado a Roma e assistiu ao tio, na hora da morte, em 1565.

Devemos ao piedoso arcebispo o encerramento e conclusão do Concílio de Trento. Em obediência ao que nesse concílio se estatuiu, promoveu por toda a parte a fundação de seminários menores e maiores e a ereção de corporações religiosas. Zelou, devidamente, pela reforma do clero. Isso lhe valeu sérios ataques e oposições, principalmente de Ordens Religiosas, que alegavam, a seu favor, o costume de muitos anos.

Desenvolveu em sua diocese uma atividade grandiosa. Construiu, em Milão, o Colégio Helvético e abriu o Colégio Pontifício de Arona; cooperou para a fundação do Convento de Bigório. Criou a Congregação dos Oblatos, composta de sacerdotes seculares. De importância histórica tornaram-se as suas visitas à Suíça, onde criou instituições católicas de grande importância; não só os católicos, mas também os protestantes receberam com júbilo o "santo bispo". Foi por intermédio dele que a Suíça católica recebeu um Núncio Apostólico, assim como foram introduzidas aí a Companhia de Jesus e a Ordem dos Capuchinhos.

S. Carlos procurava os doentes pobres, consolava-os e administrava-lhes os sacramentos. Com suas orações, debelou o terrível mal enquanto que as autoridades civis se acovardaram, retirando-se da cidade. Ele, que se encontrava fora, quando soube disso, voltou; assumiu as rédeas do governo civil e fez leis sanitárias racionais para evitar a propagação da epidemia. Foi fundado nessa ocasião um asilo para pobres. Além desta instituição, outros estabelecimentos de utilidade pública devem sua fundação a São Carlos, como, por exemplo, o Instituto dos Nobres, em Milão, a Pia União, e diversas associações de beneficência.

São Carlos Borromeu escreveu duas pastorais; uma intitulada: "Reminiscências para o povo da cidade e do arcebispado de Milão" e a outra "Reminiscências dos dias da dolorosa peste".

Viveu sempre no amor de Deus e quando se retirara para fazer seus exercícios espirituais, em outubro de 1584, teve fortes febres. Chegada a hora, provido dos sacramentos, entregou seu espírito ao Criador. Suas últimas palavras foram "Senhor, eis que venho, virei em breve". Tinha apenas 47 anos.

O papa Paulo V canonizou-o em 1610 e fixou-lhe a festa para o dia 4 de novembro. Seu túmulo é o célebre "DUOMO" de Milão, construído em mármore.

FONTES DE CONSULTA: Lar Católico (SVD) e Leituras Católicas (SDB).

JOVEM

JÁ PENSOU NO
CAMINHO A SEGUIR?
QUER SERVIR?

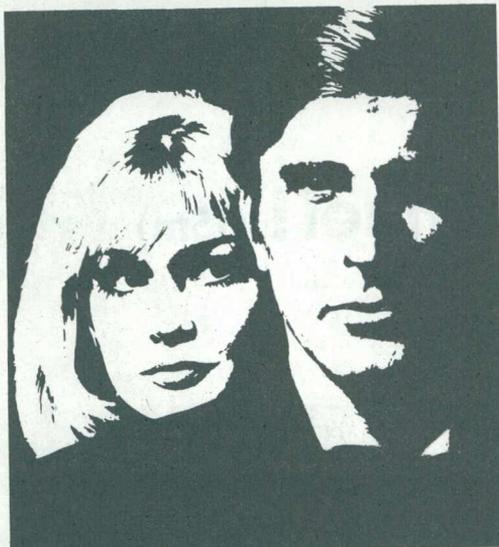


Quer ser gente que se
preocupa com gente?
UMA SUGESTÃO...

Venha dar sua vida a Cristo na
pessoa do irmão mais carente,
do menor abandonado.
Aqui as Irmãs, SEGUINDO São
Francisco, pobre dos bens
deste mundo, procuram viver o
Evangelho de Cristo através de
uma vida de oração, de
pobreza, em dimensão de amor
e serviço.

MAIS INFORMAÇÕES

Congregação das Irmãs
Franciscanas de N. Senhora
do Amparo.
Av. Roberto Silveira, 150
C.P. 90062
25.000 Petrópolis - RJ
Fone: 42-0868



CASAMENTOS E IGREJA

Elias Leite

Que, neste nosso mundo materializado, os noivos cristãos possam compreender a grandeza espiritual deste sacramento e busquem, na Igreja, realizá-lo com o coração sincero.

Casar na igreja ainda é uma livre aspiração de muitos noivos. Para outros, uma tácita imposição tradicional de influência familiar. E começa a aumentar o número daqueles para os quais o casamento “oficial” é algo já superado, desnecessário e mesmo incômodo. Há, porém, os adeptos do casamento “na igreja” apenas sob um conceito típico de festa, um acontecimento social mais abrangente, incluindo o emocional. Então o que mais se põe em foco são as exigências ambientais. E tudo é preparado cuidadosa e formalmente. Com muita imaginação e criatividade. A escolha da igreja ou da “capela aconchegante”... A Floricultura mais, com os arranjos de encher os olhos, tapete especial, entrada à luz de velas, música emocionante do discotal, da novela aquela, e fotografos e filmagens, etc. ao nível da festa no salão do Clube. E aí do padre que se

recusar a topar essa parada ou tentar mudar um pouco! Exigente, atrasado, chato. E coisas mais. Aí vem a noiva, a mãe da noiva, a tia da noiva; “e não pode? Não dá pra entender por que não pode...” E vem o noivo; ensaiando uma de marido, no papo de que “está pagando”, e outros... Todos pressionando o angustiado vigário que não “quer” deixar tudo acontecer como eles “imaginaram”!

A Igreja não pode ter um critério que regule os atos litúrgicos. O casamento religioso se reduz ao solene e emocional. O sentido da Fé, a consciência do sagrado, não conta. Ou é secundário. É o que acontece...

E o *sacramento* — sinal sagrado — expoente da Fé que deve estar no coração e na vida de ambos os noivos, que buscam a igreja por serem cristãos? Segundo a doutrina da Igreja, não são os noivos os próprios *ministros* e *administradores* deste *sacra-*

mento? Como o realizam “em verdade”, se não atua uma Fé consciente, religiosa, em nome de Jesus, autor do sacramento? Quanto matrimônio apoteose de luxo e vaidades, vazio, porém, de um mais íntimo sentido de Fé cristã!

Casar *na* igreja pode tornar-se mera representação cênica. Casar-se *como* Igreja, isto é sagrado. É sacramento. E exige vivência de Fé. Não implica apenas a presença diante do altar, nem mesmo só consentimento de ambos no ato sacramental, mas a consciência cristã daquilo que realizam, diante de Deus. E com o objetivo de uma vida a dois, no amor e na busca da *santificação* de ambos através do matrimônio-vida. Quantos noivos pensam assim?

O casamento de dois cristãos conscientes é decorrência do próprio batismo e, conseqüentemente, busca para ambos da maior configuração com Cristo, neste novo estado de vida, pelo amor. E quando esse amor se expressa no filho, surge a família de cristãos: a Igreja doméstica.

É claro que a dignidade deste sacramento, e por se constituir um ato tão marcante na vida de duas criaturas, merece toda solenidade, toda festa. A igreja onde se realiza o sacramento deve ser festivamente ornamentada, com a moderação que o ato litúrgico requer. E, pela tradição, os casamentos sempre são celebrados com festa. Toda noiva sonha com o cerimonial deste dia, com “ó seu vestido de noiva”, com a solenidade da celebração, as recepções, toda a emoção e felicidade. É um direito. E a Igreja não lhes nega esse direito. Pelo contrário, sempre tem tomado a iniciativa de solenizar estas cerimônias, mas, buscando um critério de simplicidade, sem os exageros, dirigindo maior atenção para a liturgia e o sentido do sacramento. E o bom católico sabe disso.

O casamento-sacramento é ato sagrado. Não só para os noivos como para todos que dele participam. É a configuração da santidade do Amor, que o apóstolo Paulo compara ao mesmo Amor com o qual Cristo ama a sua Igreja.

Que os noivos cristãos, neste nosso mundo materializado, possam compreender a grandeza espiritual deste sacramento e busquem, na Igreja, realizá-lo com o coração sincero. •

Samuel, Samuel! (1Sm)

Frederico Datler

A vocação do profeta Samuel é o fruto da ação conjunta humano-divina, da mãe e de Deus. A coisa começou pela promessa de Ana, esposa de Elcaná, sem esperança de ter filhos:

— Javé Sabaôt! Se vos dignardes olhar para a aflição de vossa serva e lhe derdes um filho varão, eu o consagrarei ao Senhor durante todos os dias de sua vida (1,12).

Deus atendeu à prece de Ana, o filho nasceu e o seu nome exprimia a gratidão da mãe: “Deus me ouviu”. Passados alguns anos, a mãe cumpriu a promessa e ofereceu o menino à casa de Javé em Silo, sob os cuidados do-sumo sacerdote Heli:

— Eis o menino por que orei. O Senhor ouviu a minha súplica. Portanto, eu o ofereço ao Senhor a fim de que ele sirva só a Ele em todos os dias de sua vida (1,27.28).

Deus homologou a promessa materna. Sem o consentimento divino não existe genuína vocação profética. A mãe encaminhava a criança, preparava-a para o ministério, mas o chamado decisivo partiu do Senhor. Abrigado na casa do Senhor “o menino Samuel ia crescendo, e era agradável tanto ao Senhor como aos homens” (2,26). Dum menino ninguém esperava experiência no trato com Deus; além disso, “Javé, naquele tempo, falara raras vezes e as visões não eram freqüentes” (3,1). Por isso, ao ser acordado durante a noite, o menino acorreu a Heli, aguardando ordens. Três vezes, até que o sacerdote adivinhou que se tratava de Javé. Daí o seu conselho:

— Vai dormir; e, se te chamar outra vez, responderás: Falai, Senhor, que vosso servo escuta!

Dito e feito! Javé chamou pela quarta vez:



— Samuel, Samuel!

— Falai, Senhor, que vosso servo escuta!

— Vou fazer uma coisa em Israel que, a todo que ouvir, ficar-lhe-á a tinar os ouvidos... (3.10.11).

Samuel estreou o ofício profético com uma mensagem de amor lançada contra o próprio Heli e sua casa. Mas ele falou, embora tremendo de medo. Fora um começo difícil, mas auspicioso; a seguir daquele dia “Samuel ia crescendo e o Senhor estava com ele. Todas as suas palavras cumpriram-se à letra. E todo Israel, desde Dan até Bersabéi, reconheceu que Samuel era um profeta de Javé. Javé prosseguiu manifestar-se a Samuel em Silo. Era ali que Javé aparecia a Samuel, revelando-lhe a sua palavra” (3,19-21).

Samuel foi o intercessor em favor de seu povo: “Não cesses de clamar por nós a Javé, nosso Deus, para que nos livre das mãos dos filisteus!”

(7,1). Além disso, exercia o ministério de juiz, o último da categoria: “Samuel foi juiz de Israel durante toda a sua vida. Ia todos os anos visitar Betel, Gálgala e Masfa, onde pronunciava as suas sentenças em favor de todo o Israel. Voltava depois para Ramá, onde tinha a sua casa. Também ali atendia Israel, edificando naquele lugar um altar de Javé” (7.15-17).

Avançado nos anos, instituiu a monarquia, escolhendo e unguindo Saul como primeiro rei teocrático (8-10). Rejeitado este, ungiu ainda o jovem Davi como futuro sucessor de Saul (16). Este foi o derradeiro ato público que Deus lhe ordenara.

Desde o seu retiro em Ramá ele acompanhava os destinos do povo e do seu rei, até a sua morte: “Samuel faleceu e todo o Israel chorava a sua morte. Sepultaram-no em Ramá, sua cidade” (28,3). •



Cartas de amor, jovem e de meia-idade

JOVENS MIRIANI E FÁBIO: — Há uma ternura imensa, que transborda das cartas e poemas de amor, que nos atingem como se fôssemos flexados pelas emoções dos apaixonados que as escreveram. Os dois jovens estão completando o primeiro aniversário de casamento e conservam como preciosidade as cartinhas de amor, dele para ela, antes do casamento.

Transcrevo alguns trechos cheios de inspiração de amor: “Saberei ser o seu mundo único, porque, para mim, meu universo é você. Nosso amor transcende, nosso amor transpira em cada uma das nossas atitudes e até mesmo em cada uma de nossas palavras. Me ame sempre e te a amarei eternamente”.

“Andei por toda a cidade à procura de um cartão que contivesse alguma coisa parecida com o que eu sinto por você. Miriani, meu amor! Que neste dia em que celebramos o nosso primeiro aniversário juntos, que mais um ano acrescenta à sua vida, tuas alegrias supram tuas tristezas e no próximo ano estas tristezas sejam vagas recordações. É muito difícil deixar de ver você, ainda que seja por um só dia. Talvez reflexo do grande amor que eu sinto por você, talvez pela grandeza do momento que sua companhia me proporciona. Amor, você é tudo para mim!

“Estas palavras estão deslisando pelo papel da mesma forma que o meu amor deslisa pelo ar. Por isso você pode sentir neste momento a atmosfera totalmente preenchida pela constância dos meus sentimentos. Falassem os sentimentos e você ouviria, neste momento, vozes no ar dizendo: — Miriani, eu te amo tanto!

A sensibilidade da pessoa que está amando é mais apurada e nos faz perceber coisas que admiramos, mais simples até mesmo quando acontecem num sonho. Mas o que de melhor acontece é mesmo na realidade de nossas vidas, que espero sejam sempre um sonho maravilhoso, o sonho mais lindo que nós jamais sonhamos.

Que seja sempre assim: você me amando demais e eu te adorando... Olhe, meu bem, o que tenho para te dizer é da alegria que causou em mim a mensagem contida na sua carta de ontem. O que mais me impressiona, querida, é tudo que lá está escrito. Achei sua maneira de expressar seus sentimentos muito especial, até romântica... a brisa soprava levemente como querendo acariciar nossos rostos”.

... Parece até que tudo estava combinado. Em primeiro lugar resolvi ir até o lugar onde a conheci quase que por acaso (aquele maravilhoso acaso). Se alguém pedisse para fazer uma relação dos maiores momentos por mim vividos, certamente você estaria em todos estes momentos que eu citasse. E aí talvez se encontre a explicação de tudo o que eu sinto por você. Miriani, meu amor! Não estou ouvindo nenhuma música neste momento, mas a sua lembrança para mim é uma linda canção que estou sempre ouvindo. É ela que me dá toda essa vontade de tanto falar... chega o momento mais belo da minha vida: — Estar com você!

Lembrando alguns trechos do que você me escreveu, por exemplo, quando diz você que eu posso me considerar o homem mais feliz, digo a você que pode se sentir orgulhosa por isso, toda a felicidade que eu vivo, toda alegria que eu sinto, enfim, a razão de todos os meus sentimentos, se reúne em duas palavras: AMAR VOCÊ. O amor é uma plantinha frágil; mas, se bem cultivada, nunca morrerá e dará belos frutos.

O meu sentimento agora é algo assim como uma enorme vontade de ver você, de conversar com você, de lhe abraçar; enfim, estar junto de você e usufruir da paz que o seu amor me dá. Uma música, que escolhi para ser a trilha sonora desta minha segunda-feira, começa assim: — “Amo tua voz e tua cor... ‘Você a conhece, não é mesmo? — o Final de uma das cartas: — Guarde esta verdade: — Ja-

mais conseguirei esquecer você porque um verdadeiro amor não se acaba! Mil beijos, Fábio”.

EM SURDINA

Narbal Fontes à Ofélia, quando já tinham conhecimento do fim próximo.

Já é hora da partida...
Vou-me embora, minha vida!

Mas ninguém parte assim, pois vou deixar-te o que há de melhor em mim...

Se viste, por um momento, que fiquei triste, foi fingimento...

Quando pensares no meu degrado, ouvirás, nos ares, um segredo...

Depois que eu disser adeus e julgares que eu parti, ver-me-ás pedir a Deus por ti...

Teu jasmineiro desfeito em flor.
o dia inteiro há de falar-te de meu amor!

Se te esconderes à minha perseguição, prenderei, sem perceberes, tua mão...

Não poderá cuidar que estou distante, não te deixarei descansar um só instante...

E se estiveres sonhando com um destino risonho, virei chegando, chegando, e invadirei o teu sonho...

Já é hora de fingir a despedida:
Não penses que eu vou embora, minha vida!...

RECEITINHAS ESPECIAIS

Pavê salgado

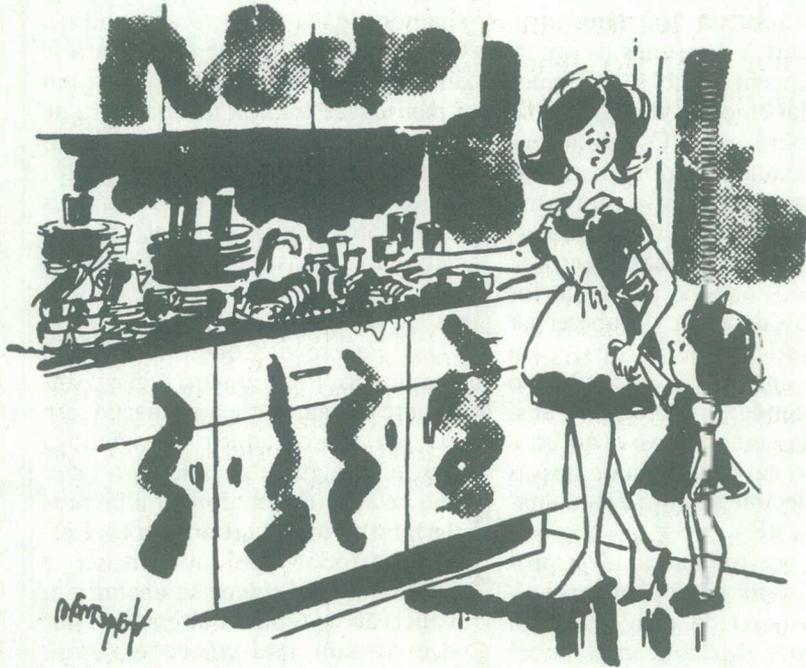
250g de bolachinhas salgadas
1 xícara de maionese
1/2 litro de leite quente
1/2 colherinha de sal
1/2 xícara de camarões cozidos e picadinhos
Azeitonas verdes.

Pique os camarões, reserve alguns inteiros para enfeitar. Misture com a maionese. Umedeça ligeiramente as bolachas com o leite quente. Arrume em camadas: bolachas, maionese, camarão e nova camada de bolachas. Termine com bolachas. Leve a gelar umas 2 horas. Desenforme. Cubra com maionese e enfeite com os camarões reservados e azeitonas e fatias de tomates. Sirva gelado com folhinhas de alface.

Salada de espinafre com torresmo

3 xícaras de folhas novas de espinafre
4 fatias de "bacon" picadinho (4 colheres)
2 ovos cozidos.

Lave e enxugue muito bem as folhas de espinafre e leve a gelar. Frite o bacon, escorrendo a gordura que for se formando na frigideira, para ficar bem sequinho. Corte as folhas geladas em 2 ou 3 pedaços, tempere com molho francês. Misture os ovos cozidos em fatias e salpique o torresmo por cima.



Biscoitinhos de nozes

2 ovos separados
1 xícara de rapadura ralada
1 xícara de nozes picadas (250g) ou amendoim
6 colheres de farinha
1 pitada de sal.

Bata as gemas até ficarem claras, junte o açúcar aos poucos. Junte a farinha, o sal e as nozes e as claras em neve. Pingue às colheradas em assadeira untada e leve ao forno moderado. Ótimo!

Omeleta de mussarela

1/2 xícara de mussarela
4 ovos

1 colher de óleo
Pimenta ao paladar.

Corte a mussarela em pedacinhos e coloque numa frigideira sobre óleo quente. Deixe fritar um pouco. Junte os ovos batidos com sal e pimenta e misture um pouco. Deixe cozinhar em fogo baixo e vire no prato de servir. Sirva quentinha.

"Charlotte de sobras de bolo"

Sobras de bolo

1 lata de creme de leite gelado sem soro
4 colheres de manteiga
1 xícara de ameixas sem caroços
4 colheres de açúcar
1/4 de xícara de rum
1 colherinha de baunilha.

Forre uma forma de pão com papel impermeável. Ponha fatias de bolo cobrindo todo o fundo. Umedeça com a metade de rum. Bata as 4 colheres de manteiga, junte o creme de leite gelado e continue a bater. Ponha a metade desse creme sobre o bolo. Cubra com as ameixas sem caroços. Novos pedaços de bolo, umedecidos com o restante do rum e termine com o restante do creme. Leve ao congelador durante 3 a 4 horas e só desenforme quase na hora de servir. Cubra com um pouco mais de creme e enfeite com ameixas inteiras.

NOTA: Pode usar morangos em substituição às ameixas.

A intervenção - uma técnica para levar o alcoólatra a tratamento

Donald Lazo

Essa técnica na maioria das vezes surte o efeito desejado, o alcoólatra cai na realidade e pede ajuda para a sua recuperação.

A esposa, totalmente desesperada e confusa, tentando lidar com a negação do marido alcoólatra, com as garrafas escondidas, seu comportamento errático, suas ausências de casa; as crianças, apavoradas e também confusas, às vezes assumindo o papel de adultos; o empregador, já cansado de tolerar tantas "exceções"; os amigos e parentes que, há muito tempo, vêm se perguntando, "O que é que há com Sérgio?" Todo o mundo desconfia que o problema é álcool mas ninguém sabe o que fazer. Todos se sentem incapazes, culpados e sozinhos.

Existe uma técnica — chamada "intervenção" — uma maneira de juntar todas estas pessoas e concentrar suas preocupações, frustrações e recursos. Pois, por serem as pessoas mais importantes na vida do alcoólatra, são as pessoas que mais poder têm sobre ele. A intervenção é um meio de unir estas pessoas, e é importante porque uma das defesas que todo alcoólatra usa para proteger sua liberdade para beber é a de dividir aqueles que lhe são chegados, pondo um contra o outro.

A intervenção tem provado ser uma técnica bem-sucedida para motivar o alcoólatra a procurar uma solução para seu problema. Trata-se de um modelo desenvolvido pelo Johnson Institute em Minneapolis, Minnesota, e agora ensinado no Programa Residencial Familiar da Chácara Reindal em São Paulo. Ele pode ser usado com qualquer membro de uma família que esteja gerando problemas com o seu beber. Ele oferece diretrizes para confrontar o alcoólatra com fatos e datas, de maneira firme, porém carinhosa.

Para muitos alcoólatras, a inter-

venção torna-se a crise que pode levá-los à recuperação. Além disso, através da educação e do apoio mútuo, também pode motivar os membros da família de um alcoólatra a adotar medidas que os recupere dos estragos emocionais causados pela convivência com um alcoólatra. A intervenção é norteada por cinco princípios básicos:

- Deve envolver as pessoas mais importantes na vida do alcoólatra.
- Essas pessoas fazem listas de fatos e datas (ou seja, dados objetivos) que demonstram como o beber exagerado do alcoólatra está prejudicando a vida dele e dos que o cercam.
- Todas essas pessoas contam ao alcoólatra como se sentem a respeito das coisas que estão relacionando, mas sem o intuito de julgá-lo, e sem raiva.
- São oferecidas ao alcoólatra opções de ajuda. Se ele recusar todas as opções, a família insiste em saber a resposta à pergunta: "Que fará se você não conseguir parar de beber por si só?"
- Se a pessoa concordar em buscar ajuda imediatamente, essa ajuda precisa estar disponível na hora.

Geralmente, o próximo passo é um ensaio do confronto, com o conselheiro fazendo o papel do alcoólatra. As listas em que estão relacionadas os atos censuráveis e destrutivos do alcoólatra são discutidas. O que mais impressiona os participantes desta sessão é o fato de muitos dos sentimentos dolorosos serem expressos aqui pela primeira vez na vida. Outra coisa: cada pessoa presente, que conhece apenas *uma parte* das conseqüências do beber do alcoólatra, fica impressionada ao ouvir as

demais. Adquire uma visão global das repercussões do alcoolismo — um quadro sempre chocante quando percebido na sua totalidade. No fim da sessão, é combinado o dia em que irão trazer o alcoólatra para seu meio a fim de confrontá-lo.

No dia do confronto, quando o alcoólatra entra na sala e vê as pessoas ali reunidas, ele desconfia — com razão — que estão preparando uma "armadilha" para ele. Só que é uma armadilha que poderá salvar sua vida. O conselheiro começa por explicar a finalidade da reunião e como ela se desenvolverá, assegurando-lhe que todos os presente têm uma única coisa em mente: o bem-estar do alcoólatra. Então, com o conselheiro agindo de mediador, cada pessoa lê a sua lista. Logicamente, o alcoólatra tenta retrucar com justificativas, minimizações e projeções e, repetidas vezes, o conselheiro é obrigado a pedir que fique quieto e tente *ouvir* o que lhe estão dizendo. É uma sessão altamente emocional que, não poucas vezes, termina com o alcoólatra chorando e dizendo que não sabia (e não sabia mesmo) que estava causando tanto sofrimento a tantas pessoas.

No fim, apresentam-lhe as opções de tratamento disponíveis e as conseqüências que advirão se ele não escolher uma delas. Ele é informado de que todas as providências necessárias já foram tomadas e, se a intervenção fora bem-sucedida (o que acontece na maioria das vezes), ele aceitará uma das opções de tratamento, iniciando assim a sua recuperação.



CHÁCARA REINDAL
Especializada em
alcoolismo

Sua melhor chance de se recuperar do alcoolismo e iniciar uma vida nova, produtiva e feliz.

Cx. Postal 20.896
01498 São Paulo, SP
(Fone: (011) 520-9514)

POR QUE ME ABANDONASTE?

Roberto

Cada um por si, Deus por todos, disse a sabedoria humana... E o sábio foi aplaudido. Pior ainda: ele é aplaudido hoje mais do que nunca.

O egoísmo dos homens os fez esquecer o preceito divino e a sabedoria divina que dissera antes: "Pai, que todos sejam um como tu e eu somos um". O egoísmo dos homens os fez esquecer que a única etiqueta deixada por Deus é o amor ao próximo e que esse Deus será por todos se cada um for por seu irmão.

A sabedoria profana esqueceu-se, Cristo, de que, milênios antes que ela existisse, você já vivia em comunidade indissolúvel com o Pai e com o Espírito Santo.

O sábio profano esqueceu-se de que foi criado por um Deus e por ele foi inserido em seu esquema de amor. Esqueceu-se sobretudo de que, para remi-lo, esse mesmo Deus se fez criança e viveu em comunidade com Maria e com José, sendo transportado no ventre de uma mulher para comunicar ao Batista a sua chegada e sendo transportado em seus braços ao exílio, amparado por um carpinteiro.

O sábio já não se lembra de que o Homem-Deus tornou-se adulto no seio de uma família e que criança se faz crescer com carinho.

Já não se lembra a humana sabedoria de que você, Cristo, pisou em espinhos e foi com eles coroado, mas não abandonou os Doze e, ao se despedir deles, chamou-os "filhinhos" e ao que o traiu chamou "amigo".

Não se lembra mais o sábio de que perdoar é preciso, desunir não é preciso; de que o reino dos céus é dos pequeninos e a eles, Cristo, é preciso sorrir e fazer sorrir como você sorria.

Dias atrás, a televisão, essa mesma televisão que desafia, ora brusca, ora lentamente a integridade do lar, mostrou um pouco da dura realidade brasileira: milhares de menores abandonados sem o aconchego de um lar, alguns dentre eles tornando-se delinquentes. Só não percebia que estava mostrando os cacos, na expressão de um professor de antropologia filosófica, OS CACOS E AS CACAS DE TABUS que a sociedade alegou estar quebrando todas as vezes que governantes e governados puseram em recesso a voz da Igreja e semearam o joio da desunião.

São eles os ossos desconjuntados de um Cristo entre malfetores a sorver vinagre para mitigar a sede; de um Cristo cuspidos, a quem o chefe do Estado, qual soldado do Calvário, em obediência à multidão e ao Sinédrio, aplica o último golpe de lança para confirmar a morte e lacrar em sepultura, mas que ressurgirá chagado, solicitando amor.

Quem colará os cacos, se enterrá-los é impossível e pisar neles é perigoso?

Cristo, faça de nós instrumentos da sua paz. Venha dizer tudo de novo. Repita por nosso intermédio que o reino dos céus é dos pequeninos, que é preciso que todos se coloquem no lugar deles. Venha gritar de novo à sabedoria humana que amar é preciso, perdoar preciso é, separar não é preciso.

1º DOMINGO DO ADVENTO — 1/12/85

O ADVENTO DO REINO: VIGILÂNCIA E EVANGELIZAÇÃO



1ª LEITURA: Jr 33,14-16. O hagiógrafo tenta provar que a promessa de Javé sobre a perenidade da dinastia davídica e do sacerdócio levítico estava de pé e que um dia se haveria de cumprir. Javé suscitará o Messias da estirpe davídica, um rebento que agirá segundo a justiça, fazendo prosperar seu reino, justificando seu nome simbólico: "Javé-nossa-justiça", visto que a nova teocracia oferecerá um ambiente de equidade fundada nos direitos de Deus.

2ª LEITURA: 1Ts 3,12-4,2. Paulo confia a Deus o aprofundamento dos tessalonicenses na caridade. Eles têm o amor nos corações, porém o amor para subsistir deverá constantemente se superar, abrindo-se, como amor mútuo, às necessidades de todos os homens numa caridade que chega ao sacrifício de si, como a do Apóstolo. O povo será irrepreensível, todavia pela prática do amor abnegado.

EVANGELHO: Lc 21,25-26.34-36. Este texto faz parte do apocalipse lucano, no qual o autor procura traçar o fim dos tempos com a parusia do Filho do Homem. O interesse de Lucas é mostrar o futuro da comunidade cristã na história e a atitude que deve tomar defronte às situações.

REFLEXÃO: No final de cada ano litúrgico, a liturgia nos convide a refletirmos sobre o discurso escatológico do evangelho que assinala, por assim dizer, um limite no projeto humano. Proclamado no primeiro domingo do Advento, o mesmo evangelho passa para um nítido segundo plano o caráter catastrófico dos eventos de que se tece, para os assumir como sinais da vinda do Salvador. Neste sentido, Lucas realiza de forma acabada a passagem do negativo, das destruições, para o positivo delas liberto, que é o Senhor Jesus. A libertação do povo depende exclusivamente desta vinda do Senhor. A obra do evangelista se abre inteiramente no que há de vir e que se espera. Em meio à antítese entre o céu e a terra, que serão abalados, se insere e emerge a proclamação da libertação iminente e do advento do Reino. O espaço entre a ressurreição do Senhor e o seu advento como Filho do Homem ganha as dimensões de verdadeira história, porque é referenciada pelo tempo pascal, que é o tempo do advento total. Trata-se da plena revelação de Deus no Cristo de forma iminente. Duas urgências se impõem: a vigilância perseverante e a evangelização, pois o Deus-feito-homem e homem-feito-criança faz da revelação de Deus Pai o tempo oportuno da libertação que é a medida do Reino. Permanece o homem que vem como criança para que permaneça sempre iminente a vinda do Filho do Homem. Esta presença total do Senhor Jesus é o fundamento teológico do conceito litúrgico de celebração. Por isso, o Advento é o memorial eficaz da vinda que se espera. No Advento, o mundo contra o qual se pronuncia o juízo, é assumido como sinal da iminência do Senhor que vem feito homem e homem-feito-criança. O Evangelho, para ser atual, terá que proclamar esta iminência nesta perspectiva.

A Palavra de Deus na Liturgia Eucarística

Carlos Antônio Pereira

Reflexões sobre a Palavra de Deus.

Breves comentários para auxiliar os fiéis cristãos a meditar e refletir em suas casas os textos bíblicos a serem proclamados e explicados nas missas dos domingos e dias santos e para maior participação na liturgia eucarística.

FESTA DA IMACULADA CONCEIÇÃO DE MARIA SANTÍSSIMA — 8/12/85 MARIA, "A SERVA DO SENHOR"



1ª LEITURA: *Gn 3,9-15.20.* O autor, usando figuras próprias da literatura da época, nos mostra o estado de vida em que Adão e Eva se encontravam após a quebra da Aliança com Deus.

2ª LEITURA: *Ef 1,3-6,11-12.* Paulo elabora um hino à predestinação da comunidade eleita por pura graça, sem condições. A comunidade foi eleita não porque era a melhor entre os povos, nem por causa de sua qualidade moral, tampouco por seus valores, senão

por pura graça. O destinatário da predestinação não é o indivíduo, mas a comunidade, o povo. Uma eleição antes da fundação do mundo está marcada pela eternidade mesma de Deus. O povo eleito tem uma missão: glorificar a Deus entre as nações.

EVANGELHO: *Lc 1,26-38.* Lucas propõe este texto à sua comunidade como a realização plena e definitiva de todas as promessas messiânicas. Maria em seu encontro com o Mistério de Deus chega ao seu ponto culminante: ela aceita e manifesta a vontade de que se cumpra o que o Senhor anunciou. Maria se autodefine: "A serva do Senhor".

REFLEXÃO: Será que tudo que Lucas nos coloca, neste texto (Lc 1,26-38), aconteceu realmente assim? Maria viu, escutou, falou com um anjo? As palavras que Lucas nos transmite foram palavras históricas pronunciadas realmente por Maria? Foi assim mesmo que se deu a anunciação? Durante o processo de transmissão, o fato histórico foi relatado com diversas figuras literárias e nele se incluíram perspectivas teológicas diferentes. O fato acontecido é fundamentalmente este; acontece, porém, que a narração não é biográfica. A comunidade de Lucas interpreta o que houve com Maria, valendo-se de imagens bíblicas e da estrutura literária dos relatos vocacionais do Antigo Testamento. O valor de todo o acontecimento foi compreendido após a Páscoa. O encontro foi entre Maria e Deus (o anjo é gênero literário bíblico). E Deus não fala desde fora, senão no profundo do ser. Tudo que se diga sobre este diálogo (Maria-Deus) jamais conseguirá expressar todo o seu conteúdo. Toda esta explicação de Lucas, Maria a recebe após a ressurreição de Jesus. É provável que o que aconteceu com Maria não fosse chamativo, porque Deus sempre atua com simplicidade. O acontecimento, todavia, foi de tal importância que qualquer estilo de narração, por mais maravilhoso que pareça, é apenas um símbolo duma realidade que o ultrapassa e o transcende. A interpretação não é falsa, não é apenas gênero literário. Valoriza a história, torna-a transparente no Mistério de Deus e ao Mistério que Deus cria em Maria. Não interessa tanto que Maria pronunciasse naquele momento aquelas palavras: O que é decisivo é sua atitude de acolhida da maternidade com fé. Ela empreendeu uma caminhada sem saber o que poderia acontecer futuramente. Simplesmente acolheu a vontade de Deus. Esta Maria deve ser uma mola que suscite na Igreja um movimento de libertação da mulher.

3º DOMINGO DO ADVENTO — 15/12/85 "ALEGRAI-VOS, O SENHOR ESTÁ PRÓXIMO"



1ª LEITURA: *Sl 3,14-18a:* O profeta prega a alegria e a exultação devido à presença do Senhor junto a seu povo em transportes de alegria pelo novo relacionamento estabelecido com seu povo. A renovação interna do povo, obra mesma de Deus, chega a entusiasmar o próprio Deus que exulta e se alegra como num dia de festa.

2ª LEITURA: *Fl 4,4-7.* A alegria do Apóstolo brota sobretudo da proximidade do Senhor, a qual pode ser entendida como a parusia.

De fato, o Apóstolo, fazendo eco ao desejo da Igreja primitiva, sonha contemplar a segunda vinda de Cristo. Tal expectativa torna-se o fundamento da paciência dos filipenses. Todavia, Paulo entende a proximidade do Senhor também no sentido da presença de Deus na vida comum do cristão, e quem se encontra em união com Deus nada teme, reza, agradece a Deus e está em paz com Ele.

EVANGELHO: *Lc 3,10-18.* A pregação de João Batista dirige-se a várias categorias de pessoas que o interpelam. As respostas não visam a práticas de penitências, mas voltar a um novo relacionamento com o próximo, mediante atos morais de justiça e de caridade. Os cargos não devem compactuar com a injustiça. Mas João Batista não vincula os seguidores à sua pessoa, nem os força a segui-lo, senão que ele os referencia ao verdadeiro Messias que há de vir.

REFLEXÃO: A liturgia, hoje, nos convida a refletir sobre a alegria de ser cristãos. Sofonias, Paulo e João Batista não pregam uma mera penitência para voltar-se para Deus, senão uma autêntica alegria que deve marcar e definir a fé e vida dos cristãos. Seguir o Senhor não implica uma abdicção da vida, mas viver, destemidamente, o amor, a justiça e a misericórdia. Segundo a interpretação de Lucas, João Batista prega a mudança de mente, de critérios, de valores e alude de maneira direta e explícita a uma mudança de estrutura significativa de atitude, isto é, de fé no sentido antropológico. Mais do que uma simples pregação, João Batista legou a Israel uma autêntica escola de vida. Todos temos nossa escola e nossos mestres e nossas tradições espirituais. Na busca do Reino e da santidade procuramos conhecer e explorar as riquezas de nossa escola? Conhecemos suas linhas fundamentais e seus traços mais apropriados para o mundo em que vivemos? Fazemos da nossa escola um valor absoluto radical, separatista, ou temos consciência do seu sentido de instrumento e, portanto, do seu valor relativo; como o teve João Batista da sua escola? Temos procurado nos aproximar de homens verdadeiramente experimentados nas coisas de Deus? À medida de que caminhamos, procuramos ir nos libertando dos andaimes para nos tornarmos nós mesmos? Vivemos nossa fé desde a alegria? Oxalá soubéssemos nós também envelhecer com dignidade, serenidade e alegria, vendo os novos que chegam, ocupando nossos lugares, apresentando novas alternativas, empreendendo outras iniciativas... Queira Deus que no nosso apostolado, possamos não apenas dizer, mas realmente querer e procurar que o Cristo, e não nós, apareça.

MARIA, "A BEM-AVENTURADA"



1ª LEITURA: *Mq 5,1-4a*. O texto de Miquéias é uma profecia messiânica que indica o lugar de origem do Messias, sua atuação junto do povo e o estabelecimento da paz. O Messias não confiará no poder das armas, nem na glória e esplendor de uma dinastia, pois sairá de uma das mais humildes famílias de Judá.

2ª LEITURA: *Hb 10,5-10*. Os sacrifícios da antiga Aliança não realizavam o que intentavam e deviam realizar: a mudança radical

das relações do homem com Deus. O messias rejeita os sacrifícios legais do Antigo Testamento para aceitar apenas o de seu Filho: sacrifício perfeito, oblação de sua vida com sentimentos de amor, adoração e obediência à vontade de Deus.

EVANGELHO: *Lc 1,39-45*. Nada mais simples e corriqueiro do que a viagem de uma moça à casa de uma parenta para ajudá-la nos afazeres domésticos durante os últimos meses da gravidez. Lucas percebeu com clarividência que as maravilhas de Deus se realizam neste nível de vida simples. Ainda mais: o evangelista captou a grandeza do encontro entre as duas mães grávidas e de seus filhos. Ele estava consciente de tocar assim no mistério profundo de toda a fé cristã.

REFLEXÃO: A concepção de Isabel era o sinal que Deus tinha preparado para Maria como ratificação de sua própria vocação para a maternidade messiânica. Maria, alegre, cheia de esperança, disponível, vai à procura dos sinais de Deus. Ela própria servirá para criar o âmbito do novo sinal. Lucas no-la apresenta como a primeira portadora do Evangelho, que inicia sua caminhada pelo mundo. No discurso da missão, a tradição de Lucas proíbe saudar alguém pelo caminho. Acaso a pressa não denuncia este fundo missionário? Não indica a disponibilidade e o amor de sua resposta à Palavra de Deus? Maria transmite a paz escatológica, é portadora daquele que restabelecerá o equilíbrio cósmico, reconciliando todas as coisas com Deus. A paz desejada por Maria provoca o sinal preparado por Deus. O movimento natural da criança no seio de sua mãe converte-se em sinal de gozo, de simpatia, suscitado pelo encontro. O estremecimento de alegria constitui para Lucas expressão do gozo escatológico esperado durante séculos. Maria descobre o sinal de Deus: a vida que leva em seu seio é portadora de alegria escatológica e de paz. Com Maria iniciou-se a evangelização na Igreja. Ela, portadora de Jesus, evangeliza com sua simples e alegre presença. A reação dos evangelizadores, no entanto, evangeliza a própria Maria e se converte para ele no sinal exuberante da verdade que a invade. O encontro com Maria ocasionou em Isabel um transe profético, causado pelo próprio Deus e define Maria como a "bem-aventurada", mulher do Reino que acredita. Que em nosso apostolado saibamos passar esta imagem de Maria: evangelizadora do Reino de Deus.

"SAGRADA FAMÍLIA: JESUS, MARIA, JOSÉ"



1ª LEITURA: *Eclo 3,3-7.14-17a*. Aquele que honra seus pais receberá as bênçãos prometidas. Este dever de honrar os pais continua também quando estes ficam idosos e doentes. Quem cumpre este dever recebe o perdão de seus pecados; agir de maneira diversa é blasfemar contra Deus.

2ª LEITURA: *Ci 3,12-21*. Destinada, gratuitamente, por Deus, a comunidade deve viver desde o amor desinteressado, desde o perdão mútuo e desde a misericórdia.

A vida familiar deverá se nortear pela Palavra de Deus. Os maridos amem suas esposas como iguais a si mesmos. Os pais são antes de tudo amigos, a quem os filhos devem amar e obedecer, não são patrões e senhores. Maridos, e mulher, pais e filhos são todos iguais e devem se relacionar, respeitar e amar.

EVANGELHO: *Lc 2,41-52*. Com treze anos começava, para os meninos, a plena iniciação na Lei e na obrigação de observá-la. A ida a Jerusalém por ocasião das grandes festas de Páscoa, Pentecostes e Tabernáculos fazia parte dessas obrigações. Lucas supõe que Maria e José tenham levado Jesus um ano antes da obrigação legal. E, sem que seus pais o soubessem, Ele permaneceu em Jerusalém. O autor nos mostra que Jesus pertence a Deus e não a Maria e José.

REFLEXÃO: Toda a liturgia, hoje, nos leva a refletir sobre a família. Não se trata de fazermos uma mera reflexão sobre a família ideal, que só é possível dentro de condições sociais e culturais bem determinadas. Trata-se de meditar um pouco sobre como está a minha família: Quais as relações entre o pai, a mãe e os filhos? Quais as características de minha família? Em que medida essas características podem abrir mais os membros para o Evangelho? Como descobrir o divino dentro do humano de minha família? Os meus filhos são para mim ou para o mundo? Que diálogo tenho com meus pais? A Palavra de Deus apresenta o matrimônio como sinal da aliança com Deus. Esta aliança se manifesta, especialmente, pelo relacionamento familiar. Cada membro com sua função específica, mas todos voltados para o bem comum. A família não exercerá a justiça de maneira fria, com exigência despótica, senão em ambiente de amor, de ternura, de abertura e de confiança mútua. Desta maneira, descobrem os membros da família que a própria justiça precisa do amor e de caminhos suaves para tornar-se expressão da justiça divina e humana. Jamais se resolvem os problemas familiares com reclamações ou gritos, e sim, na atmosfera de perdão, de sugestões e de uma acolhida sempre nova e simpática. Justiça e direito, ternura e amor, perdão e verdade revelam a pedagogia divina; permitindo correções contínuas e levando a uma consciência de comunidade de amor, de perdão e, fundamentalmente, de verdade. Nesta perspectiva devo perguntar-me: amo a minha família ou faço dela apenas um suporte para aquilo que devo viver? Respeito a família do outro? Qual o grau de relacionamento entre minha família e os vizinhos?

LEITURAS LITÚRGICAS PARA OS DIAS DA SEMANA

Dia 2 de dezembro — 2ª-Feira: 1ª Leitura Is 2,1-5, Evangelho Mt 8,5-11; **Dia 3** — 3ª-F.: 1ª L. Is 11,1-10, Ev. Lc 10,21-24; **Dia 4** — 4ª-F.: 1ª L. Is 25,6-10a, Ev. Mt 15,29-37; **Dia 5** — 5ª-F.: 1ª L. Is 26,1-6, Ev. Mt 7,21-24-27; **Dia 6** — 6ª-F.: 1ª L. Is 29,17-24, Ev. Mt 9,27-31; **Dia 7** — Sáb.: 1ª L. Is 30,19-21.23-26, Ev. Mt 9,35-10,1.6-8; **DOM.**; **Dia 9** — 2ª-F.: 1ª L. Is 35,1-10, Ev. Lc 5,17-26; **Dia 10** — 3ª-F.: 1ª L. Is 40,1-11, Ev. Mt 18,12-14; **Dia 11** — 4ª-F.: 1ª L. Is 40,25-31, Ev. Mt 11,28-30; **Dia 12** — 5ª-F.: 1ª L. Gl 4,4-7, Ev. Lc 1,39-47; **Dia 13** — 6ª-F.: 1ª L. Is 48,17-19, Ev. Mt 11,16-19; **Dia 14** — Sáb.: 1ª L. Eclo 48,1-4.9-11, Ev. Mt 17,10-13; **DOM.**; **Dia 16** — 2ª-F.: 1ª L. Nm 24,2-7.15-17a, Ev. Mt 21,23-27; **Dia 17** — 3ª-F.: 1ª L. Gn 49,2.8-10, Ev. Mt 1,1-17; **Dia 18** — 4ª-F.: 1ª L. Jr 23,5-8, Ev. Mt 1,18-24; **Dia 19** — 5ª-F.: 1ª L. Jz 13,2-7.24-25a, Ev. Lc 1,5-25; **Dia 20** — 6ª-F.: 1ª L. Is 7,10-14, Ev. Lc 1,26-38; **Dia 21** — Sáb.: 1ª L. Ct 2,8-14, Ev. Lc 1,39-45; **DOM.**; **Dia 23** — 2ª-F.: 1ª L. MI 3,1-4; 4,5-6, Ev. Lc 1,57-66; **Dia 24** — 3ª-F.: 1ª L. 2Sm 7,1-5.8b-12.14a-16, Ev. Lc 1,67-79; **Dia 25** — 4ª-F.: 1ª L. Is 52,7-10, 2ª L. Hb 1,1-6, Ev. Jo 1,1-18; **Dia 26** — 5ª-F.: 1ª L. At 6,8-10; 7,54-59, Ev. Mt 10,17-22; **Dia 27** — 6ª-F.: 1ª L. 1Jo 1,1-4, Ev. Jo 20,2-8; **Dia 28** — Sáb.: 1ª L. 1Jo 1,5-2,2, Ev. Mt 2,13-18; **DOM.**; **Dia 30** — 2ª-F.: 1ª L. 1Jo 2,12-17, Ev. Lc 2,36-40; **Dia 31** — 3ª-F.: 1ª L. 1Jo 2,18-21, Ev. Jo 1,1-18.

“QUEM TEM UM AMIGO TEM UM TESOURO”

QUEM É AMIGO DE VERDADE MERECE SER LEMBRADO E SER FELICITADO

UM GESTO E DUAS BOAS AÇÕES!
UM CARTÃO DE NATAL COM DUAS FINALIDADES:

Uma — Mandar uma significativa mensagem de fé cristã
a um amigo, a um parente, a um familiar, a um cliente, a uma pessoa importante, como lembrança de amizade e consideração.
Você se sentirá feliz e ele também.

Outra — Ajudar concretamente na manutenção e na formação das vocações claretianas.
Adquirindo os cartões de Natal do Secretariado Vocacional Claretiano

você terá em mãos cartões de alta qualidade, em excelente papel de luxo, coloridos, para enviar votos de Feliz Natal. Além disso, você estará ajudando diretamente nos estudos, na formação, na manutenção dos 121 jovens que estão atualmente nos 5 seminários claretianos, preparando-se para o sacerdócio. Não espere o fim do ano. Aproveite enquanto é tempo! Faça hoje mesmo o seu pedido. Um gesto e duas boas ações! E a satisfação de fazer alguém feliz.

MODELOS	ASSINALE AQUI A QUANTIDADE DE CARTÕES PEDIDOS	MODELOS	ASSINALE AQUI A QUANTIDADE DE CARTÕES PEDIDOS		
Nº 14	2.300 cada cartões	Nº 41	2.300 cada cartões
Nº 15	2.300 cada cartões	Nº 42	2.300 cada cartões
Nº 16	2.300 cada cartões	Nº 43	2.300 cada cartões
Nº 23	2.300 cada cartões	Nº 44	2.300 cada cartões
Nº 24	2.300 cada cartões	Nº 45	2.300 cada cartões
Nº 25	2.300 cada cartões	Nº 46	2.300 cada cartões
Nº 26	2.300 cada cartões	Nº 47	2.300 cada cartões
Nº 27	2.300 cada cartões	Nº 48	2.300 cada cartões
Nº 28	2.300 cada cartões	Nº 49	1.800 cada cartões
Nº 29	2.300 cada cartões	Nº 50	1.800 cada cartões
Nº 30	2.300 cada cartões	Nº 51	1.800 cada cartões
Nº 31	2.300 cada cartões	Nº 52	1.800 cada cartões
Nº 32	2.300 cada cartões	Nº 53	1.800 cada cartões
Nº 33	2.300 cada cartões	Nº 54	1.800 cada cartões
Nº 34	2.300 cada cartões	Nº 55	1.800 cada cartões
Nº 35	2.300 cada cartões	Nº 56	1.800 cada cartões
Nº 36	2.300 cada cartões	Nº 57	1.800 cada cartões
Nº 37	2.300 cada cartões	Nº 58	1.800 cada cartões
Nº 38	2.300 cada cartões	Nº 59	1.800 cada cartões
Nº 39	2.300 cada cartões	Nº 60	1.800 cada cartões
Nº 40	2.300 cada cartões	Nº 61	1.800 cada cartões
SUBTOTAL cartões +	SUBTOTAL cartões		

tabela de descontos
quantidade de pedidos:
pedidos de 10 a 25 cartões 0% de desconto
pedidos de 26 a 50 cartões 5% de desconto
pedidos de 51 a 100 cartões 7% de desconto
pedidos de 101 a 200 cartões 10% de desconto
pedidos de 201 a 400 cartões 15% de desconto
pedidos de 401 a 600 cartões 20% de desconto
pedidos de 601 a 800 cartões 30% de desconto
pedidos superiores a 800 cartões 40% de desc.
Reúna o pedido de amigos para conseguir maiores descontos!

Preencha os quadrinhos corretamente, indicando a quantidade de cartões desejados, e envie para:

SECRETARIADO VOCACIONAL CLARETIANO
Caixa Postal 54.215 - Cep 01227 - São Paulo - SP

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

CEP: _____ Estado da Federação: _____

ASSINATURA: _____

OBS.: Cada cartão vem acompanhado do respectivo envelope.

- Os cartões serão remetidos por meio da Livraria Ave Maria e pagos pelo reembolso postal. Logo que receber o aviso do Correio, vá buscar seus cartões.
- Atendemos por reembolso, somente pedidos de, no mínimo, 10 cartões.
- Você paga no Correio o valor correspondente ao seu pedido mais o porte postal.

atenção!
para você saber com clareza o valor do seu pedido e o desconto de que você vai desfrutar

faça assim:
1 — preencha corretamente os quadrinhos:

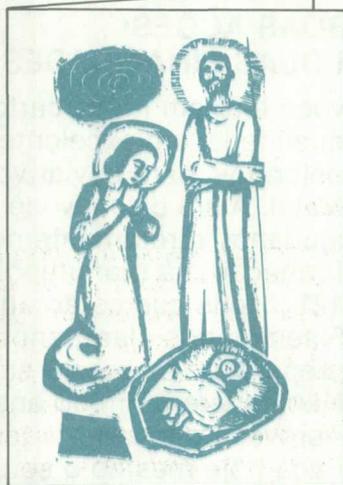
2 — some a quantidade de cartões pedidos.
3 — verifique, na **tabela de descontos**, onde a quantidade total do seu pedido se enquadra.
com isso, você saberá quanto de desconto você desfrutará.

Você tem um amigo?

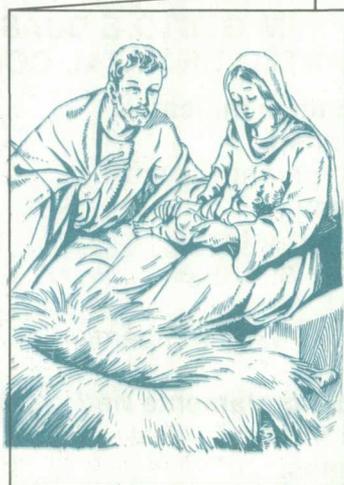
*Não se esqueça dele neste NATAL!
Envie um cartão desejando-lhe
felicidades e que Deus o abençoe.*



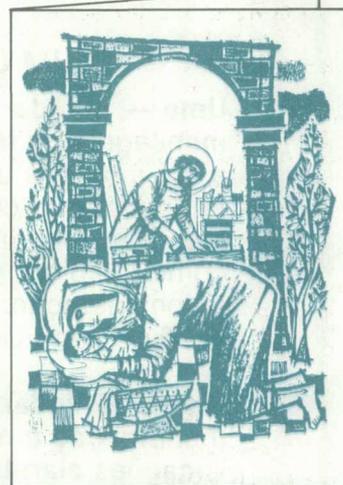
n.º 49 (210 x 150 mm)



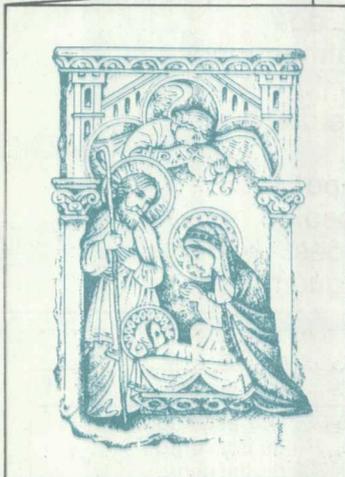
n.º 50 (210 x 150 mm)



n.º 51 (210 x 150 mm)



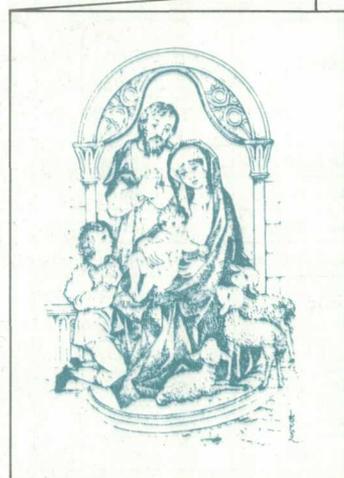
n.º 52 (210 x 150 mm)



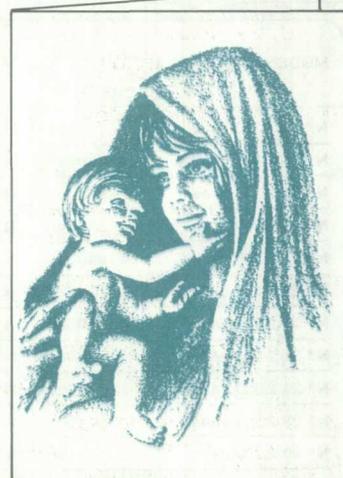
n.º 53 (210 x 150 mm)



n.º 54 (210 x 150 mm)



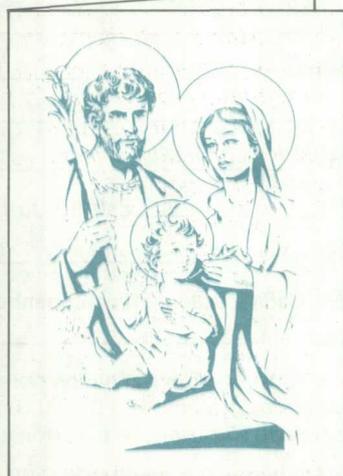
n.º 55 (210 x 150 mm)



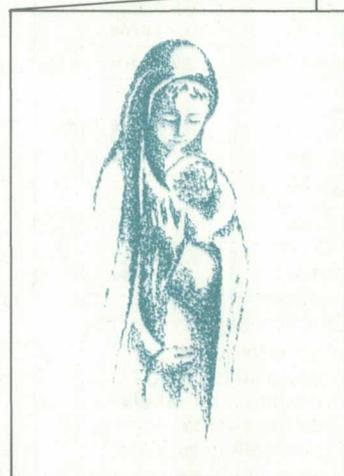
n.º 56 (210 x 150 mm)



n.º 57 (210 x 150 mm)



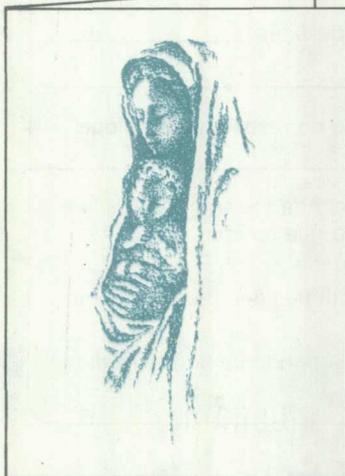
n.º 58 (210 x 150 mm)



n.º 59 (210 x 150 mm)



n.º 60 (210 x 150 mm)



n.º 61 (210 x 150 mm)

Atenção os cartões desta página são em uma cor.



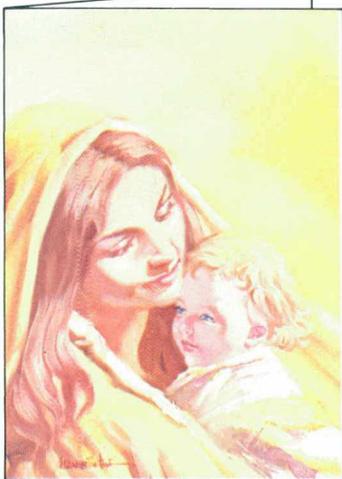
n.º 14 (200 x 150 mm)



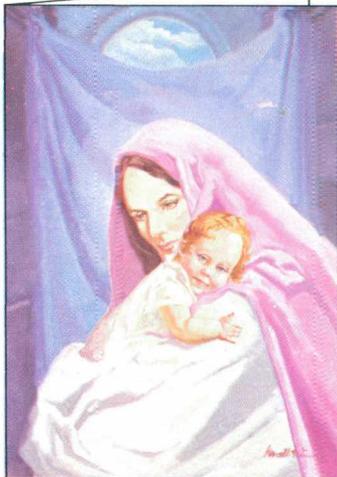
n.º 15 (200 x 150 mm)



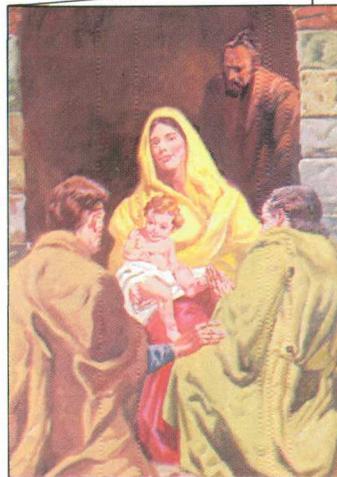
n.º 16 (200 x 150 mm)



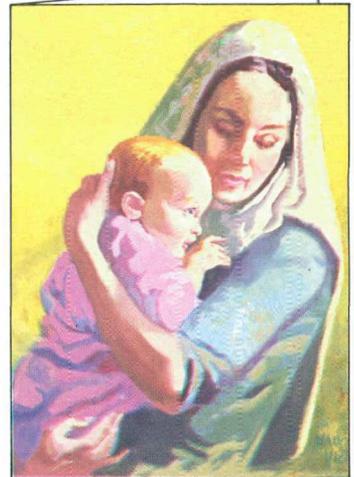
n.º 23 (210 x 150 mm)



n.º 24 (210 x 150 mm)



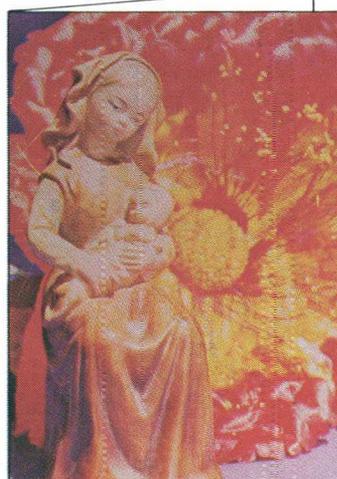
n.º 25 (210 x 150 mm)



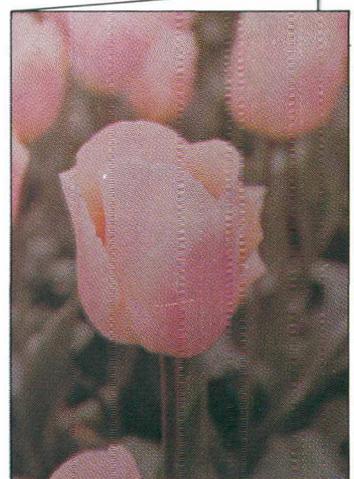
n.º 26 (210 x 150 mm)



n.º 43 (210 x 150 mm)



n.º 44 (210 x 150 mm)



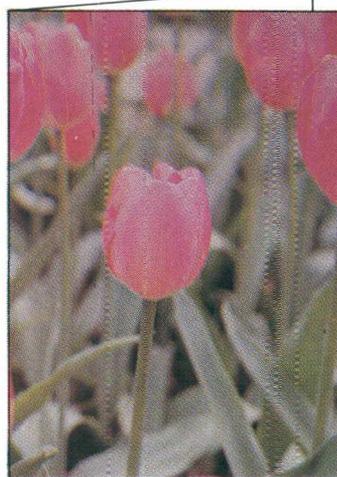
n.º 45 (210 x 150 mm)



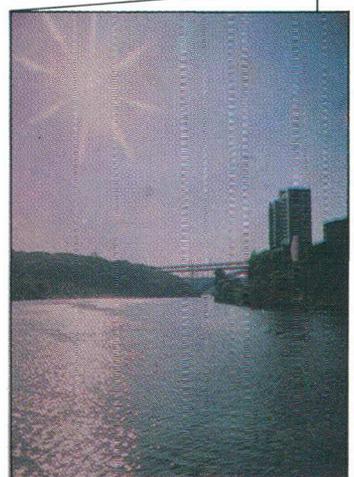
n.º 27 (210 x 150 mm)



n.º 46 (210 x 150 mm)



n.º 47 (210 x 150 mm)



n.º 48 (210 x 150 mm)

FAÇA
HOJE MESMO
SEU
PEDIDO.
AJUDE
AS VOCAÇÕES!



n.º 28 (210 x 150 mm)



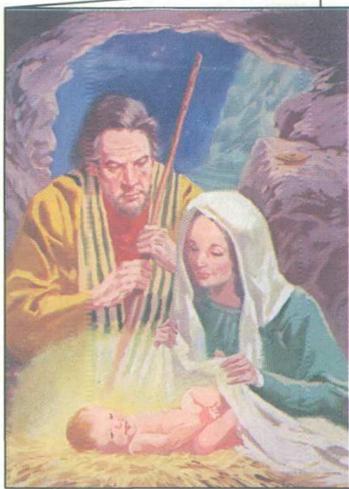
n.º 29 (210 x 150 mm)



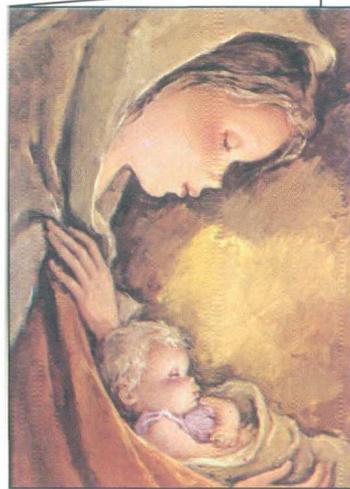
n.º 32 (170 x 155 mm)



n.º 33 (170 x 155 mm)



n.º 30 (210 x 150 mm)



n.º 31 (210 x 150 mm)



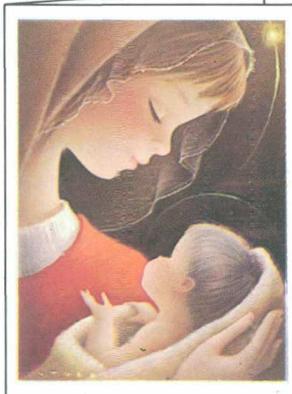
n.º 34 (200 x 150 mm)



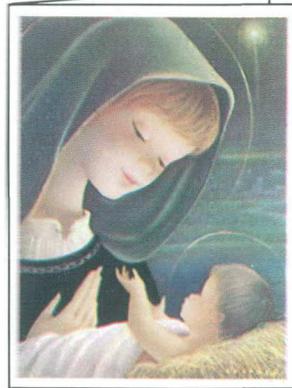
n.º 35 (200 x 130 mm)



n.º 39 (210 x 150 mm)



n.º 36 (200 x 140 mm)



n.º 37 (200 x 140 mm)



n.º 38 (200 x 140 mm)



n.º 42 (210 x 150 mm)



n.º 41 (210 x 150 mm)



n.º 40 (200 x 130 mm)